



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



ROSENILDO PEREIRA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E PRÁTICA PEDAGÓGICA
INTERCULTURAL:
ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA TERENA KOMOMOYEA KOVÔERO (MT)**

Barra do Bugres – MT
2023



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



ROSENILDO PEREIRA

**HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO ESCOLAR E PRÁTICA PEDAGÓGICA
INTERCULTURAL:
ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA TERENA KOMOMOYEA KOVÔERO (MT)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECH) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Câmpus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira.

Barra do Bugres – MT
2023

P436h	PEREIRA, Rosenildo. História da Educação Escolar e Prática Pedagógica Intercultural: Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero (Mt) / Rosenildo Pereira - Barra do Bugres, 2023. 1 f.; 30 cm. Trabalho de Conclusão de Curso (Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu (Mestrado Profissional) Mestrado Profissional em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2023. Orientador: Carlos Edinei de Oliveira 1. História da Educação Indígena.. 2. Povo Terena. 3. Cultura Terena.. 4. Educação Escolar Indígena. I. Rosenildo Pereira. II. História da Educação Escolar e Prática Pedagógica Intercultural:: Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero (Mt). CDU 376.74(=1-82)(81)(09)
-------	--



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira
Orientador – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Prof.^a Dra. Joana Aparecida Fernandes Silva
Banca Externa – Universidade Federal de Goiás – UFG
(PPGAS e Licenciatura Intercultural – colaboradora)

Prof.^a Dra. Rosane Duarte Rosa Seluchinesk
Banca Interna – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT

Prof. Dra. Cláudia Landin Negreiros
Banca Interna – Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT (Suplente)

AGRADECIMENTOS

À Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), à Fundação Nacional do Índio (FUNAI), à Secretaria de Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC) e à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (SECITEC).

Agradeço a colaboração das professoras doutoras que de forma direta contribuíram com a construção dessa dissertação: Rosane Rosa, Joana Aparecida Fernandes Silva, Mônica Cidele da Cruz, Valdineia Antunes de Ferreira e da mestra Gislaine da Luz. Meus agradecimentos aos meus colegas mestrandos que ingressaram comigo no PPGECE.

Meus agradecimentos à comunidade Terena, do Estado de Mato Grosso, pelo respeito amizade e informações. Manifesto toda a minha gratidão às lideranças e aos caciques das comunidades Terena e aos professores da Escola Estadual Indígena Terena Komomoya Kovôero.

Agradecimento especial ao professor doutor Adailton Alves da Silva.

Agradeço imensamente ao meu orientador professor doutor, Carlos Ednei de Oliveira, pelo trabalho desenvolvido na Unemat, acreditando no potencial dos acadêmicos indígenas de se tornarem protagonistas de suas comunidades. Todo o meu agradecimento por me orientar nesta dissertação de mestrado, por me auxiliar durante a pesquisa de campo e colocar à disposição os materiais de instituições de ensino, além de informações imprescindíveis à realização desta pesquisa, bem como sua divulgação.

Agradeço a todas as lideranças Terena pelo apoio para que eu chegasse a esse nível e pela confiança que tiveram em mim para que eu pudesse trabalhar como educador.

À minha sogra Bráulio Clementino Rondon, pelo apoio moral.

Sou grato aos caciques das aldeias, Mateus Rondon e seu vice-cacique Messias Rondon, da aldeia Turipuku, cacique Pedro Cruz, da aldeia Inamaty Poke'e, Cacique Cirenio Reginaldo e sua família, pelo espírito de liderança demonstrado e que sem medo de enfrentar desafios decidiram iniciar a construção da aldeia Kuxonety Poke'e na terra indígena Iriri Novo, no Mato Grosso, trazendo essa comunidade a Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

Agradeço à minha mãe Maria de Jesus Pereira e a seu companheiro Messias Rondon. Aos meus irmãos William Maicon Pereira e Breno Pereira Rondon pelos laços de amor e carinho que sempre nos uniram. À minha avó Isaura Alcantara, que sempre me deu apoio educação e força espiritual e conhecimento tradicional do povo Terena.

Agradeço aos anciãos Terena da aldeia Kuxonety Poke'e, aos alunos e professores da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero. Ainapo yákué. (Obrigado).

Dedico (*in memoriam*) ao grande líder cacique Milton Rondon e a todos os guerreiros que hoje não se encontram em meio ao nosso povo Terena e que durante a reivindicação da terra e de muitos outros direitos perderam a vida por nós.

Dedico esta dissertação a toda população indígena Terena, do norte de Mato Grosso, em especial à minha família: esposa Misma Turi Rondon, pela sua presença constante em minha vida, à minha filha Maria Eduarda Pereira Rondon, pelo orgulho e felicidade que me faz sentir.

RESUMO

A presente pesquisa trata da história da educação escolar e prática pedagógica intercultural, na Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero. Esta pesquisa foi realizada com a comunidade que mora na aldeia Terena Kuxonety Poke, na Terra indígena Terena do Iriri Novo, no município de Matupá, no estado de Mato Grosso, Brasil. Diante disso, a pesquisa tem como objetivo investigar como ocorreu a instalação e o desenvolvimento da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero. A escola indígena é resultado de intensas reivindicações do povo Terena, como garantia de seus direitos, porém a maior conquista foi a área de terra no Estado de Mato Grosso. A presença da escola indígena e sua existência de maneira intercultural, agregando Terena e outros povos indígenas, é a condição para o fortalecimento da cultura Terena e a concretização da luta do povo Terena em busca do seu território em Mato Grosso. A dissertação apresenta o movimento de migração de parte do povo Terena do estado de Mato Grosso do Sul para o estado de Mato Grosso. Essa pesquisa é resultado de leituras bibliográficas, de entrevistas realizadas com os professores indígenas e da análise de documentos escolares. Além da dissertação apresentada, o resultado da pesquisa produziu um produto pedagógico, em forma de linha do tempo sobre a trajetória histórica da luta pela terra em Mato Grosso, realizada pelo povo Terena. Esse produto pedagógico deverá ser utilizado nas escolas Terena, com o objetivo do fortalecimento da identidade e da cultura Terena e serve como material historiográfico sobre o povo Terena.

Palavras – Chave: História da Educação Indígena. Povo Terena. Educação Escolar Indígena. Luta Terena pela terra. Cultura Terena.

ABSTRACT

This research deals with the history of school education and intercultural pedagogical practice at the Terena Komomoyea Kovôero Indigenous State School. This research was carried out with the community that lives in the village of Terena Kuxonety Poke, in the Terena do Iri Novo indigenous land, in the municipality of Matupá, in the state of Mato Grosso. In view of this, the research aims to investigate how the installation and development of the Terena Komomoyea Kovôero Indigenous State School took place. The indigenous school is the result of intense claims by the Terena people, as a guarantee of their rights, but the greatest achievement was the land area in the State of Mato Grosso. The presence of the indigenous school and its existence in an intercultural way, bringing together Terena and other indigenous, is the condition for strengthening the Terena culture and the realization of the struggle of the Terena people in search of their territory in Mato Grosso. The dissertation presents the migration movement of part of the Terena people from the state of Mato Grosso do Sul to the state of Mato Grosso. This research is the result of bibliographic readings, interviews with indigenous teachers, analysis of school documents. In addition to the presented dissertation, the result of the research produced a pedagogical product, in the form of a timeline on the historical trajectory of the struggle for land in Mato Grosso carried out by the Terena people. This pedagogical product should be used in Terena schools, with the aim of strengthening Terena identity and culture and serves as historiographical material about the Terena people.

Keywords: History of Indigenous Education. Terena People. Indigenous School Education. Terena struggle for land. Terena Culture.

RESUMO NA LÍNGUA TERENA

Enepora inámati nóxone ûti yutoeti yara koyuhópeti inamáti isoneuti, koane inámati kixokonoku ihikaxeokono ne ihikaxovoti motovâti éxinoa isóneu koêku ne ihikauvo koekumo ihikaxeovo koanemo êno inamáti isoneuti apetimo xokoyoke ‘‘ Komomoyea Kovoêro ‘‘ koeha ra ihikaxovokuti yara vipuxovoku koehati Matupá -MT poke´exa terenôe koehati ‘‘Kuxonéty Poke´e’’. Ovotiya Nortenance MT. Enepora inámati ísoneuti ya ihikauvoti kahá´ti éxea koeku ukóponea ihikauvo ne íhikaxovoti vo´oku anéko xunako utí motovâti apeyea ne ihikaxovokuti ya xapakuke kopénoti, koanemaka ya poke´exa ûti, koati nácone kopenoti motovâti ikoitukexea, utí terenoe vukeati ya -MS . Poí vipuxovoku yara poke´e ihaxoneti mbarazil, hara vonopó poké´e ya MT. Enepo turixóvone ra inamati itukéti hé´u kôe xâne kámeakono kuteati íhíkaxoti, ko´óvokuti , po,éheve ûti vetó´okoati koepokumó ra inamati isonéuti kaha´ati hará kahá´a ûti ukóponea ra íhikakauvo ra xe´éxaxapa ûti yara ihikaxovokuti ‘‘komòmoyea kovoêro ‘‘.enepora yutoeti kahá´a uti itukeovo há´i nonêti yara poké´exa ûti.

Ainapo yakue viyenoaxapa xapakuke kopenoty xokoyoke ihikaevo kopenoty tereno´e ihikaxovoku íhikaxovokuti íhikaxoti hiko koyene komomoya kovôero norte nake .

Palavras-Chaves: Éxetina ihikaevo Terenoe, Ihikaevo Terenoe xoko ihikaxovoku, koxunaixeovo Terenoe kahápea Poké´exa. Kixoku vitúkeovo ya uhá koeti kixovoku uti.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Rosenildo Pereira com adornos Terena, em festividade do dia 19 de abril de 2022, na aldeia Kuxoneti Poke’e, Mato Grosso.	11
Figura 2 – Cacique Milton Rondon, etnia Terena, no desencadeamento do processo de reivindicação de terra em Mato Grosso, em 1999	12
Figura 3 – Decreto de criação da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”	21
Figura 4 – Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”, em 2004	23
Figura 5 – Terra Indígena do Iriri Novo	27
Figura 6 – Representação das três aldeias na Terra indígena Terena Iriri Novo-MT	28
Figura 7 – Terras indígenas	30
Figura 8 – Aluna da escola Komomoyea Kovoêro, Maria Eduarda Pereira Rondon, da etnia Terena, representando o grafismo do povo Terena como parte da resistência Terena no norte de Mato Grosso-MT.....	33
Figura 9 – Espaço de lazer da aldeia Kuxonety Poke’e.....	37
Figura 10 – Rua principal que dá acesso ao rio Iriri em frente à Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero Aldeia Kuxonety Poke’e.....	38
Figura 11 – Posto de Saúde da Aldeia Kuxonety	38
Figura 12 – União das Igrejas Evangélicas da América do Sul (UNIEDAS)	39
Figura 13 – IHIKAXOVO’UKUTI – Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero.....	41
Figura 14.....	42
Figura 15 – Documento de criação da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero – MT	43
Figura 16 – Aldeia Kororoti, sala anexa da escola Komomoya Kovôero	44
Figura 17 – Sala anexa aldeia Kororoti, alunos do 3 ° ano – Ensino Médio, da etnia Mebengokre Kayapo.....	45
Figura 18 – Professora e alunos produzindo roupa tradicional	45
Figura 19 – Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.....	47
Figura 20 – Pátio da escola Komomoyea Kovôero	48

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	17
1. TERRITÓRIO TERENA NO NORTE DE MATO GROSSO: HISTÓRIA E GEOGRAFIA	26
1.1 <i>KOPENOTY KOYUHOYA NE PAYASSOTI HO'Í</i> – TERENA DO NORTE DE MATO GROSSO	32
1.2 ALDEIA TERENA KUXONETY POKE'E – “TERRA PROMETIDA”	36
2. CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA TERENA KOMOMOYEA KOVÔERO NA TERRA INDÍGENA IRIRI NOVO – MATO GROSSO	41
3. PRÁTICA PEDAGÓGICA INTERCULTURAL NO ENSINO DE HISTÓRIA DO POVO TERENA	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	64

KUTI UNDI TERENO'E? QUEM SOU EU?

Figura 1 – Rosenildo Pereira com adornos Terena, em festividade do dia 19 de abril de 2022, na aldeia Kuxoneti Poke'e, Mato Grosso.



Fonte: Arquivo da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

Meu nome é Rosenildo Pereira, da etnia Terena. Sou professor, nasci em 6 de novembro de 1992, na capital Campo Grande, Mato Grosso do Sul. Sou filho de Maria Pereira de Jesus, da etnia Terena, e meu pai morreu quando ainda era pequeno, não cheguei a conhecê-lo. Tenho dois irmãos: Willian Maicon Pereira e Breno Pereira Rondon, filhos de Messias Rondon com minha mãe Maria de Jesus Pereira, todos da etnia Terena.

Na pequena cidade de Sidrolândia/MS, que fica a 30 quilômetros da aldeia indígena Terena Córrego do Meio e da Aldeia Buriti, que fica no município de Dois Irmãos do Buriti, morei e vivenciei toda a minha infância e nela aprendi ser um indígena Terena.

Sou falante de língua Terena e alicerçado em princípios morais, religiosos e conservador da cultura Terena, princípios herdados dos meus avós e de minha mãe. Durante minha infância, fui deixado com meus avós Isaura Alcateara Terena e Paulo Pereira Terena. Por ser muito pequeno, minha mãe Maria de Jesus Pereira Terena teve que sair da aldeia para se juntar às famílias do saudoso Cacique Milton Rondon em busca de reivindicação de terra no Estado de Mato Grosso.

Figura 2 – Cacique Milton Rondon, etnia Terena, no desencadeamento do processo de reivindicação de terra em Mato Grosso, em 1999



Fonte: Acervo da família Rondon Terena.

O líder Terena Milton Turi Rondon liderou o processo de reivindicação de terra para a Comunidade Terena de Mato Grosso na década de 1980. A imagem retrata a dura reivindicação por uma área que fosse específica para o povo terena do Norte de Mato Grosso, por volta de 1980.

Milton Jorge Turi Rondon era o filho mais velho de Hélio Turi Rondon e Catarina Jorge, incluindo mais três irmãos, primeira família extensa a migrar para Mato Grosso por volta da década de 1980, na cidade de Rondonópolis. Milton Rondon se torna cacique e líder do povo Terena no movimento da reivindicação de terra no Norte de Mato Grosso. Por volta de 1998, a convite do Cacique Milton Rondon, esse movimento se torna mais forte com a chegada do vice-cacique Cirenio Reginaldo, que também fortalece o movimento trazendo mais guerreiros Terena do Mato Grosso do Sul dispostos a ajudar no bloqueio das rodovias federais em Rondonópolis -MT (ISAAC, 2004, p. 91).

Essa luta pela terra em Mato Grosso começou a se intensificar por volta de 1980, na cidade de Rondonópolis MT. Nesse período, eu vivia com meus avós. Minha avó é considerada minha segunda mãe, pois foi ela quem me ensinou os costumes tradicionais, a prática da cultura e a valorizar e a falar a língua Terena.

Conforme dados do Instituto Socioambiental (2018), segundo Ladeira (2001), de modo geral, podemos definir os Terena como um povo estritamente bilíngue, considerando por isso uma realidade social em que a distinção entre uma língua 'mãe' (no caso, indígena) e uma língua "de contato" ou "de adoção" (o português) não tem sentido sociológico. A língua 'materna' para os Terena não tem importância

socializadora, no sentido de inserir o indivíduo em um mundo próprio, diferentemente do conceito do ‘mundo dos brancos’. Nessa perspectiva podemos afirmar que a língua Terena é apenas afetiva e que não é usada enquanto sinal diacrítico para afirmar sua diferença frente aos ‘brancos’. No entanto, o domínio da língua permite as sociedades indígenas continuarem existindo enquanto um povo política e administrativamente autônomo (LADEIRA, 2001 *apud* ISA, 2018).

Lembro que, quando criança, minha avó cantava em Terena e eu ficava ouvindo-a e imitando os cânticos em Terena com um chocalho de cabaça de purungo conhecido como **itaka**, instrumento que invocava os **Koxomonety** (pajé) e o **Okovo** (espírito). Minha avó passava a noite toda cantando na semana santa e no outro dia buscava remédio no cerrado para curar enfermidade ou para defumar as casas, pois os Koixomonety falavam que estava precisando para espantar espírito mal que rodeava a aldeia.

Passando alguns anos, por volta de 1999, com sete anos de idade, cursei o Ensino Básico, alfabetização, na escola Alexina Rosa Figueredo, na aldeia Buriti, onde estudei até a segunda série. Em 2002, estudei na Escola Indígena Terena Armando Gabriel, na aldeia Córrego do Meio, concluindo a terceira série do Ensino Básico.

Ao final de 2003 me mudei para Mato Grosso, para encontrar com parte da minha família, pois minha mãe Maria de Jesus Pereira, casada com Messias Turi Rondon, acompanhou seu sogro Milton Rondon em uma delegação que iniciou na década de 1980 para Mato Grosso e se intensificou em 1998. Esse movimento era liderado por Milton Rondon para a aquisição de área que fosse dos Terena no norte de Mato Grosso. Em 2003, vim morar e me juntar ao meu povo que havia saído de suas aldeias de origem, que também era a aldeia onde vivenciei toda minha infância.

Já morando em Mato Grosso em 2004, cursei 5º ano na escola Elio Turi Rondon onde vim a concluir o Ensino Fundamental no ano de 2008, tendo que mudar para a terra indígena Iriri Novo, dando continuidade ao primeiro ano do Ensino Médio na Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero, onde tive a oportunidade de concluir o Ensino Médio no ano de 2011. Nesse mesmo ano, recebi uma oportunidade na aldeia **Kopenoty** para dar aula para a alfabetização.

A alfabetização foi o começo da minha experiência em sala de aula. A minha primeira vez em sala de aula fiquei surpreso em estar à frente de várias crianças que ali buscavam ler e escrever. Tive muita dificuldade em ensinar em sala de aula talvez por não ter ainda a teoria e a prática, quase vindo a desistir de continuar como professor. Com muito esforço, dedicação e ajuda de outros professores Terena, consegui vencer minhas dificuldades.

Em 2012, constitui uma família com Misma Turi Rondon Terena e tivemos uma filha que se chama Maria Eduarda Pereira Rondon. Nesse mesmo ano, fiz a inscrição no curso de Licenciatura em Pedagogia Intercultural ofertado pela Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) e consegui a vaga, vindo a concluir a minha graduação em Pedagogia no ano de 2016.

O curso de Pedagogia que realizei era uma licenciatura específica para os povos indígenas, uma modalidade de ensino pioneira realizada pela Unemat¹.

A oferta de cursos de formação com currículos específicos e diferenciados tem sido uma das ações da UNEMAT no campo da Educação Superior Indígena. A partir do ano 2000 a universidade iniciou a execução dos Cursos de Licenciatura Específica para Formação de Professores Indígenas, após ter participado das discussões estabelecidas para sua concepção, com representação na então Comissão Interinstitucional e Paritária designada para este fim no ano de 1997. (JANUÁRIO *et al.*, 2008, p. 2).

Encontrei na Unemat um ambiente que me possibilitou completar toda uma formação acadêmica e consolidar toda uma experiência ao longo dos anos. Sou muito grato a esta instituição que me abraçou como aluno indígena e como acadêmico servidor do estado de Mato Grosso. Sinto-me realizado por ter me dedicado a essa instituição e agradeço à minha família e à minha filha que ainda era recém-nascida e lideranças do meu povo Terena, que foi uma das maiores motivações para desempenhar com dedicação, honestidade e competência a missão de ser professor.

Nesse sentido, há que se considerar a importância do professor e do estudante indígena, conforme citado no documento orientador da prática pedagógica indígena nacional:

A importância central da formação do "professor-pesquisador." Ele deve tornar-se um interlocutor entre as aspirações da comunidade, as demais sociedades e a escola, enquanto representante do apoio à transmissão e criação cultural: incorpora e socializa a escrita e outros instrumentos, recursos de expressão e comunicação cultural. Também é tarefa do professor ser capaz de, com seus alunos e parentes, identificar e propor algumas das respostas aos novos problemas gerados pelo contato mais amplo com o que se costuma chamar sociedade nacional em sua diversidade. (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1998 p. 311).

¹ Além do curso de Licenciatura em Pedagogia, “são oferecidos três Cursos de Licenciatura Específica para a Formação de Professores Indígenas: Línguas, Artes e Literaturas; Ciências Matemáticas e da Natureza; e Ciências Sociais. Quanto à metodologia, os cursos obedecem a um regime especial e são desenvolvidos de forma intensa e presencial nos períodos de férias e recessos escolares, com atividades cooperadas entre docentes e cursistas nos períodos em que estes estão ministrando aulas nas escolas indígenas. Durante as etapas intermediárias, os estudantes desenvolvem atividades de Estágio nas escolas de suas aldeias, acompanhados por professores da instituição, aproximando ainda mais a universidade da realidade vivida em cada comunidade indígena, contribuindo dessa forma para a consolidação de uma educação escolar específica e diferenciada, que atenda aos anseios de cada povo” (JANUÁRIO *et al.*, 2008, p. 2).

Após concluir a graduação em 2016, recebi uma proposta para dar aula no Ensino Médio, na aldeia Kororoty, do povo Kayapo, anexa à Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero, onde consegui ver a necessidade desse povo que, após muitas lutas, não tinha professor habilitado para dar sequência no Ensino Médio. Então eu, Rosenildo Pereira Terena, abracei a oportunidade com minha esposa Misma Turi Rondon Terena, que também é professora, e conseguimos formar três turmas pela Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero que, a meu ver, vem dando bons resultados, pois os alunos têm buscado o conhecimento ocidental e o fortalecimento da cultura.

Em 2021, sequenciando essa formação acadêmica, uma vez aprovado em seleção, iniciei o curso de mestrado profissional na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), no Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII), no Câmpus Universitário de Barra do Bugres, na linha de pesquisa: Ensino, Docência e Interculturalidade.

Sou professor em minha aldeia e mestrando no PPGECII/UNEMAT e tenho contribuído muito para o meu povo Terena na formação dos alunos no sentido de formar cidadãos que lutem em prol dos seus direitos, para atuarem em diferentes áreas do conhecimento e futuramente contribuirão com o povo Terena nas comunidades em que vivem ou viverão.

Na construção dessa autobiografia, procurei relatar um pouco de minha vida pessoal e profissional, que permite refletir o que vivenciei no passado para o presente. Nesse contexto, aproveito a oportunidade para agradecer primeiramente o ***Ituko'oviti***, que na língua Terena chamamos de Deus, e a todos que se fizeram personagem dessa história e que ajudaram de forma direta ou indiretamente na construção do que sou e do que fiz da minha vida acadêmica.

Escrever essa autobiografia se constituiu para mim numa fascinante experiência. Em alguns momentos senti dificuldade, insegurança e receio de voltar ao tempo e reviver tantas emoções por meio de experiência vivida, trazendo as lembranças do passado. Considero que a autobiografia comentada é a forma mais importante de registrar por escrito as lembranças repletas de acontecimentos pessoais para que não fique no esquecimento.

Com esperança, sonho com um mundo mais justo, acreditando que pelo ensino da educação indígena de qualidade e respeito às diferenças étnicas, solidariedade, amizade e paz, possamos ser muito mais felizes, sendo assim, minimizaremos o racismo em nosso país.

Tenho como objetivo a continuidade dos meus estudos, aperfeiçoando-me cada vez mais na área da educação. A principal meta no momento é caminhar para a conclusão do mestrado. Pretendo fazer a diferença nessa área, trabalhando por meio dos conhecimentos

adquiridos, pelos estudos realizados, na graduação em Pedagogia Intercultural Indígena e agora no mestrado.

Como escreve Paulo Freire (1993, p. 87): “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática”. Essa citação tem me inspirado a escrever a minha trajetória de vida enquanto acadêmico e professor indígena falante de língua materna e liderança em minha aldeia. Nesse sentido apresento minha dissertação.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa compreende a relação existente entre a história de luta do povo Terena entre o período de 1980 aos dias atuais, a conquista da escola como parte de suas lutas, buscando melhor entender como sucedeu a implantação da Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero, localizada na Terra Indígena do Iriri Novo, a 230 quilômetros do município de Matupá-MT².

Diante disso, a pesquisa tem como objetivo geral investigar como ocorreu a instalação e o desenvolvimento da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero, além de investigar como ocorreu a instalação e o desenvolvimento de uma pedagogia intercultural, buscando uma maneira para compreender o processo histórico da implantação da escola por meio das intensas reivindicações do povo Terena na garantia de seus direitos à educação escolar indígena, bem como a garantia da terra como parte de sua maior luta, a partir da migração do estado de Mato Grosso do Sul para o estado de Mato Grosso.

Esta pedagogia intercultural se dá a partir da interação com os alunos de outra etnia que participam e interagem no mesmo espaço, respeitando o tempo de aprender de cada estudante.

Quando o povo Terena chega a Mato Grosso e se estabelece, a escola se constitui. Durante esse movimento, há uma procura do povo Kayapó, Xavante e Panará para serem atendidos pela escola.

O povo Kayapó, aproximadamente 20 famílias, reside na aldeia Poreby, na terra indígena Iriri Novo, terra indígena dos Terena. Os Kayapó são povo oriundo do estado do Pará que migraram para o estado de Mato Grosso e se aproximaram do povo Terena no ano de 2007.

Os estudantes Xavante e os Panará que vivem na aldeia Kuxonety Poke³ e são alunos da Escola Indígena Komomoyea Kovôero, participam de ensino religioso por meio da casa do estudante criada pelo cacique Cirenio Reginaldo e Cícera Chagas. Lá os estudantes Xavante e Panará também têm formação evangélica. Eles vivem na aldeia e residem na casa dos estudantes

² Matupá é uma cidade de Estado do Mato Grosso. Os habitantes se chamam matupaenses. O município se estende por 5 238,8 km² e contava com 16.566 habitantes no último censo. A densidade demográfica é de 3,2 habitantes por km² no território do município. Vizinho dos municípios de Peixoto de Azevedo e Guarantã do Norte, Matupá se situa a 21 quilômetros ao Norte-Leste de Peixoto de Azevedo, a maior cidade nos arredores. No território do município se localiza o Território indígena Terena, a 230 quilômetros da sede do município. A extensão territorial na terra indígena Terena aproxima de 32 mil km² de hectares de Terra, demarcado e homologado nos anos de 2008 e 20 mil hectares em processo de demarcação. (MUNICÍPIO DE MATUPÁ. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-matupa.html>. Acesso em: 1º jun. 2023).

para aprimorar seus conhecimentos para retornar às suas comunidades e ajudar seu povo e suas organizações.

Essa configuração intercultural indígena se desenhou desde a fundação da escola, de 2008 até os dias atuais, sendo de grande importância a escola não só para o povo Terena mais também para outros povos indígenas que buscam ser atendidos nessa unidade escolar.

Educação Intercultural parte da afirmação da diferença como riqueza. Promove processos sistemáticos de diálogo entre diversos sujeitos -individuais e coletivos-, saberes e práticas na perspectiva da afirmação da justiça -social, cognitiva e cultural, assim como da construção de relações igualitárias entre grupos socioculturais e da democratização da sociedade, através de políticas que articulam direitos da igualdade e da diferença (CANDAU, 2013, p. 1).

A interculturalidade se dá a partir das interações pedagógicas e diálogo desafiadores dentro da cultura que busca unificar suas ideias no conjunto de conhecimento que envolve suas experiências culturais em diferentes tempos e épocas.

Por meio das vivências do povo Kayapó e Terena, buscamos conhecer o que é interculturalidade e esperamos, com esta pesquisa, contribuir com outros povos indígenas que lutam por um reconhecimento étnico e cultural, ainda não consolidado. Esta dissertação também traz reflexões sobre a identidade dos sujeitos partícipes da pesquisa, as relações em grupos que fizeram com que a comunidade vivesse em harmonia e com senso coletivo. Enfatiza a importância da implantação da escola na comunidade, garantindo um direito constitucional. (JESUS, 2019, p. 14).

Dessa forma, refletimos sobre a importância que a escola tem para os professores indígenas que estão por anos consecutivos na escola, cumprindo uma carga-horária de 800 horas anuais em 200 dias letivos.

A história da Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero, na aldeia Kuxoneti Poke'e, desde o início de sua implantação, foi uma história de luta e essa instituição escolar se tornou referência para outros povos. Desde então, a procura para se matricular nessa instituição se tornou notória, embora a escola não tenha uma infraestrutura de qualidade. Ela foi construída com os esforços da comunidade e dos alunos da aldeia Kuxoneti Poke'e.

A problemática abordada nos faz refletir e escrever sobre a estrutura e o funcionamento da escola e sua importância para a comunidade Terena da aldeia Kuxonety Poke'e. bem como se faz necessário registrar o marco histórico da criação da escola, a história de sua denominação como Komomoyea Kovôero, que significa visão de Águia, assim como a escolha do lugar onde a escola foi instalada e a organização do seu Projeto Político-Pedagógico e do Regimento Escolar e as consonâncias com a Referência Nacional Curricular para as Escolas Indígenas.

Entende-se que as às determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional surge dentro de um marco histórico, com um conteúdo de caráter geral e abrangente. Aponta questões comuns a todos os professores e escolas, esclarecendo e incentivando a pluralidade e a diversidade das múltiplas programações curriculares dos projetos históricos e étnicos específicos para os povos indígenas do Brasil (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1998, p. 5).

A pesquisa terá como resultado um produto pedagógico com uma linha do tempo da história do povo Terena, desde o começo das reivindicações e lutas por um pedaço de chão no Estado de Mato Grosso até a efetivação da Escola Indígena Komomoyea Kovôero.

Para compreender a temática, buscamos a leitura de alguns teóricos sobre a história da educação e da história da educação indígena. Utilizamos como metodologia a pesquisa autoetnográfica e pesquisa documental.

A pesquisa auto etnográfica transmite um olhar do pesquisador por meio da sua vivência, assim, além de ouvir a si mesmo, também é necessário ouvir o outro que caminha junto e por tempos e idades diferentes, com outros olhares para ver e explicar um mesmo fato ou acontecimento de uma dada realidade.

Dessa forma, a opção foi pela utilização das fontes orais como estratégias para a compressão do percurso realizado pelo povo Terena e dos objetivos que promovem a caminhada. De acordo com Bosi (2003), a memória e o passado empurram e descolam as percepções imediatas, ocupando o espaço da consciência, aparecendo como “força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante oculta e invasora”.

Sendo assim, para a construção dessa pesquisa, realizaram-se entrevistas, além da minha vivência enquanto professor indígena e morador do espaço em estudo. A autoetnografia foi a possibilidade mais precisa para que pudesse escrever e analisar a vida do povo Terena e a necessidade de manter sua identidade e cultura, pensando a escola indígena como um espaço de aprendizagem da História do povo e de fortalecimento identitário.

Nesse sentido, podemos considerar o significado de autoetnografia como:

“Autoetnografia” vem do grego: *auto* (*self* = “em si mesmo”), *ethnos* (nação = no sentido de “um povo ou grupo de pertencimento”) e *grapho* (escrever = “a forma de construção da escrita”). Assim, já na mera pesquisa da sua origem, a palavra nos remete a um tipo de fazer específico por sua forma de proceder, ou seja, refere-se à maneira de construir um relato (“escrever”), sobre um grupo de pertença (“um povo”), a partir de “si mesmo” (da ótica daquele que escreve). (SANTOS, 2017, p. 218).

Sabemos que a tradição da oralidade como fonte de conhecimento entre os povos indígenas tem um valor muito significativo e cada relato durante a pesquisa feita para este

trabalho de dissertação é também uma forma de revisitar os tempos e espaços de vivências que estão sempre presentes.

A questão norteadora da pesquisa foi conhecer os marcos da criação da escola para entender o processo de escolha do lugar, do nome atribuído e dos métodos ali utilizados. Todas essas informações foram levantadas a partir do relato das histórias do deslocamento do Povo Terena para as terras no Mato Grosso e de como cada elemento foi sendo construído nesta jornada em busca de terra e de continuidade de um povo, mantendo suas tradições, costumes, modos de vida e notadamente a sua língua.

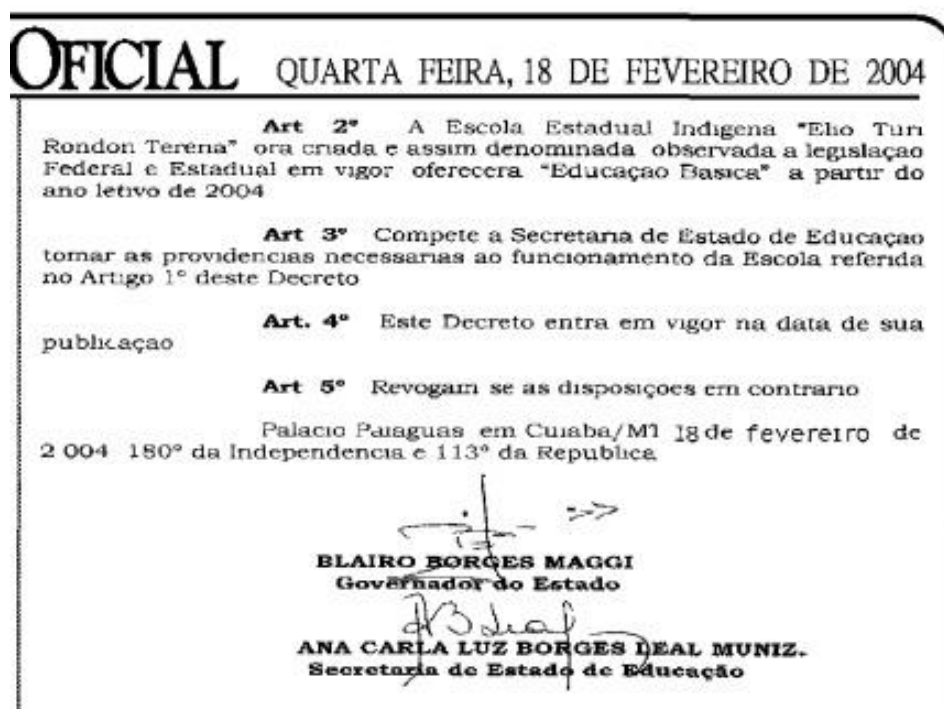
Como instrumento de pesquisa, foi utilizada a técnica de entrevista aberta e diálogo, tendo como referência a história de luta e conquista da criação escolar. Foram entrevistados para esse trabalho professores. Como parte do processo de coleta das informações atuais sobre a escola, foram levantadas as fotografias da primeira escola e da escola atual que hoje está funcionando, conforme sua homologação durante o ano de 2008, projetada pelos Terena sem medir esforços.

A experiência de um sujeito que se trata; sua narrativa acaba colorindo o passado com um valor que os é caro: aquele que faz do homem um indivíduo único e singular em nossa história, um sujeito que efetivamente viveu – e, por isso dá vida a – as conjunturas e estruturas que de outro modo parecem tão distantes. E, ouvindo-o falar temos a sensação de ouvir a história sendo contada em um contínuo, temos a sensação de que as discontinuidades são abolidas e recheadas com ingredientes pessoais, emoções, reações, observações, idiossincrasias, relatos pitorescos. (ALBERTI, 2004, p. 14).

Os jovens Terena foram construindo suas identidades também por meio da escola estadual indígena Terena Komomoyea Kovôero e fortaleceram seus aspectos culturais, bem como conhecendo as formas de vivência do passado que deixaram marcas na história narrada por indígenas que sofreram às margens da BR-163 para aquisição da terra para a construção da escola do povo Terena.

É fundamental frisar que sem a terra garantida pelos Terena, não seria possível termos duas instituições escolares indígenas funcionando, atendidas por professores indígenas, sendo a primeira instituição escolar fundada em 2004 por Cícera Chagas da Silva, esposa do cacique Cirenio Reginaldo e lideranças da comunidade Terena reivindicando junto à Secretaria do Estado de Educação e Cultura (SEDUC) a implantação da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena.

Figura 3 – Decreto de criação da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”



Fonte: Acervo da Escola Elio Turi Rondon Terena, criada pelo Decreto nº 2.587, de 18 de fevereiro de 2004.

Ambas as escolas passam a formar os primeiros alunos que hoje se integram como professores de suas comunidades. Sendo assim, a escola Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero vai sendo pensada e também reivindicada por famílias que migraram para a terra demarcada durante o ano de 2008, liderados pelos cacique Cirenio Reginaldo, da aldeia Kuxonety Poke'e e demais aldeias que se dividiram durante o processo migratório para a terra na região do Iriri Novo, possuindo matas fechadas e um rio que abastece as aldeias, assim como estradas que dão acesso às áreas urbanas que ficam a mais de 230 quilômetros distante da cidade pertencendo ao município de Matupá, que tem aproximadamente, segundo os dados do IBGE do ano de 2019, 16.566 habitantes e com uma área de 5.228,272 km² (2021). Nessa cidade fica a secretaria da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero, por meio da Diretoria Regional de Ensino (DRE) do município de Matupá.

A pesquisa documental foi realizada com as fontes disponíveis na secretaria da Escola Indígena Komomoyea Kovôero, sendo elas o Projeto Político-Pedagógico (PPP), planos de aula, registros internos de matrículas, avaliações, materiais didáticos, dentre outras.

Dessa forma, a pesquisa contribui com o povo Terena e com suas lideranças que fizeram parte da reivindicação acerca da presença da escola indígena no território, baseado em fatos que

contribuíram para o bem-estar deste povo que hoje vem buscando autonomia e conduzindo a escola da forma que o povo Terena está organizado.

Por meio da vivência do povo Terena, pode-se afirmar que estão buscando melhor entender e organizar suas escolas, considerando que o processo de educação escolar indígena demanda reflexões constantes. Conforme regem os direitos garantidos na Constituição Federal de 1988:

Art. 231 São reconhecidos aos índios sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições, e os direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam, competindo à União demarcá-las, proteger e fazer respeitar todos os seus bens. [...] O ensino fundamental regular será ministrado em língua portuguesa, assegurada às comunidades indígenas também a utilização de suas línguas maternas e processos próprios de aprendizagem. (BRASIL, 1988, Art. 210, parágrafo 2º, p. 133).

Podemos afirmar que o objeto principal foca no estudo amplo da implantação da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero e na compreensão da relação desse espaço político-pedagógico com a comunidade, tendo em vista sua utilização para a tomada de decisões fundamentais para a cultura e os modos de organização social dos Terena.

Essa dissertação se justifica em favor da luta do povo Terena pela conquista da terra em Mato Grosso e da formação da escola indígena, pois da mesma forma que já foi registrada a criação da primeira instituição escolar indígena, a Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”, após a chegada dos Terena no norte de Mato Grosso, no final do ano de 2003 para 2004, se faz necessário escrever a história da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero e produzir atividades para que se garanta às futuras gerações um pouco da história de luta que o povo Terena passou para conquistar o território indígena Terena do Iriri. Assim, registra-se essa história que é de fundamental importância, porque se trata também do povo ao qual pertencemos.

Figura 4 – Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”, em 2004



Fonte: Acervo Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”

A partir da etnografia, busquei, junto às famílias que hoje moram na terra indígena conquistada pelo povo Terena, conhecer as lutas que o povo teve que passar para conquistar a terra e as duas instituições escolares.

Com a realização dessa pesquisa, foi possível compreender a importância que a escola tem para o povo Terena no que tange à autonomia do fazer pedagógico como um espaço de vivência cultural e aprendizado e também fortalecer o ensino específico a partir da história do povo Terena. Com isso, a partir do produto pedagógico escrito, foi desenvolvida uma linha do tempo do começo do processo de reivindicação do território Terena em Mato Grosso, destacando a importância da terra para o desenvolvimento da continuidade cultural e processual do povo Terena.

Nesse programa de mestrado profissional, exige-se a produção do Produto Pedagógico, que para esta temática foi escrito a partir da história do povo Terena, sendo realizada esta linha do tempo, usando como fonte histórica narrativas dos líderes que fizeram parte da migração para o norte de Mato Grosso. Sendo assim, usamos imagens e desenhos que marcaram a vinda do grupo dos Terena para uma nova terra, onde buscam todos os dias se adaptar à “nova” terra indígena, área de mato com árvores de grande porte, muito diferente do cerrado que os Terena estavam acostumados a viver tranquilamente com produto da terra. Esse produto pedagógico será disponibilizado aos professores como material didático.

Os Terena no Mato Grosso do Sul sempre viveram no cerrado, podendo ser muito conhecido por ser trabalhadores de produtos cultivados na roça, bem como especialistas em produzir grandes lavouras, no entanto essa prática de produção agrícola tem diminuído por conta de estarmos em um bioma diferente do que estávamos acostumados a viver. Antes cerrado no Mato Grosso do Sul, agora floresta em Mato Grosso.

Ao chegar ao Mato Grosso, território ocupado pelos Terena, região de floresta densa, houve fato no ano de 2009 que indígena Terena já se perdeu e ficou 13 dias desaparecido dentro da mata. Os Terena tiveram que procurar ajuda de outros povos indígenas para encontrar as pessoas que estavam perdidas. Elas foram pescar e caçar e não conseguiram retornar para a aldeia, tendo então que ser resgatadas por outros povos indígenas. Os Terena tiveram que realizar grande adaptação no bioma novo em que chegaram.

Após mais de 20 anos de norte de Mato Grosso, pode-se notar que estão vivendo uma era de mudança por conta de fatores no que se refere à instituição escolar, à saúde e ao projeto sustentável. Os Terena enfrentam vários problemas devido ao abandono dos órgãos públicos, deixando os indígenas caminharem por sua conta, sem dar nenhum suporte às comunidades que apresentam grandes problemas em relação ao seu bem-estar.

Os Terena no norte de Mato Grosso vivem diferentes problemas. Na esfera da educação, os alunos que concluem o Ensino Médio têm que sair da aldeia para realizar um curso superior na cidade e, por muitas vezes, nos deparamos com alunos Terena que não conseguem se adaptar à cidade e desistem, o que contribui para as estatísticas de fracasso escolar no Brasil.

Quando os jovens escolhem morar na cidade, deixam na comunidade um vazio de pessoas que poderiam contribuir. Morando nas cidades, os Terena sofrem discriminação e preconceito por conta da cultura indígena, pois os **Purutuya** (não indígenas) acabam não compreendendo os costumes e a cultura dos povos originários do território brasileiro.

Quadro 1 – Lideranças Terena em Mato Grosso

Nome	Informações
Cirenio Reginaldo Francisco	Cacique da aldeia Kuxonety Poke'e, professor licenciado em Ciência da Natureza e Matemática Intercultural, pastor da igreja União das Igrejas Evangélicas da América do Sul (UNIEDAS). Vice-Cacique que liderou o movimento nas rodovias federais no estado de Mato Grosso com o cacique Milton Rondon, idealizador do movimento que iniciou nos anos 1980 para a conquista da terra ao lado de seu pai Hélio Turi Rondon.
Edimilson Alves	Professor da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

Danilo Campos	Diretor da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.
Cícera Chagas da Silva	Integrador Curricular da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.
Micael Rondon	Professor da escola Elio Turi Rondon. Foi coordenador da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.
Milton Rondon	Saudoso cacique idealizador do movimento na reivindicação por território no norte do Estado de Mato Grosso nos anos de 1980. Sua luta foi concluída após conseguir a demarcação e homologação da Terra indígena do Iriri Novo, com 52 mil hectares de terra, sendo 32 demarcado e homologado pela Funai e 20 mil hectares de terra em processo de demarcação. Sobre a área dos 20 mil hectares, o processo corre na justiça federal para ser demarcado, sendo a área do outro lado à margem do Rio Iriri, denominado de território indígena, gleba Jarina. Enquanto isso, fazendeiros usufruem da terra do povo Terena, reivindicada há mais de 20 anos com manifestações nas rodovias federais de Mato Grosso.

1. TERRITÓRIO TERENA NO NORTE DE MATO GROSSO: HISTÓRIA E GEOGRAFIA

Nesta dissertação narro com relevância a história do povo Terena que migrou do Estado de Mato Grosso do Sul para a região norte de Mato Grosso e a importância que a Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero e a Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon representam para nós Terena.

Ao conquistar o território e os espaços na educação escolar indígena como professor e aluno desta escola, não teria sentido passar pelo ensino superior e pela pós-graduação sem registrar as marcas da história Terena.

Por meio das marcas da história Terena, continuamos reconstruindo e dando novos significados para essa grande luta pela reivindicação da terra e pelas conquistas das escolas que ao longo desses 522 anos nós, povos indígenas, temos sofrido com perdas irreparáveis das nossas culturas. Dessa forma, temos buscado fortalecer o ensino da língua materna, da dança, do grafismo e de outros aspectos culturais do povo Terena na escola.

A história do povo Terena chega ao aluno por meio do esforço de cada professor que é comprometido com a causa indígena e com a qualidade de ensino para o indígena, e por meio de um ancião quando é convocado pelo professor a participar das aulas e falar sobre as histórias de luta do povo Terena.

A terra conquistada no norte de Mato Grosso foi resultado de intensas lutas:

Qualquer grupo social humano é um universo completo de conhecimento integrado, com fortes ligações com o meio em que se desenvolveu. O conhecimento das línguas indígenas e, através delas, o conhecimento da experiência e do conhecimento acumulados pelos povos que as falam é de valor cultural e social inestimáveis (TEIXEIRA, 1995, p. 293).

Nesse sentido, é relevante resistir, tendo como reconhecimento a história de luta do povo Terena, expressando todo o nosso saber.

A pesquisa se dá a partir da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero e sua importância para o povo Terena e para os alunos dessa escola. Um aspecto fundamental é compreender a importância de ensinar a História do povo Terena, na escola, para o fortalecimento da cultura Terena e das principais lideranças que buscaram junto à Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) a criação e institucionalização dessa unidade escolar.

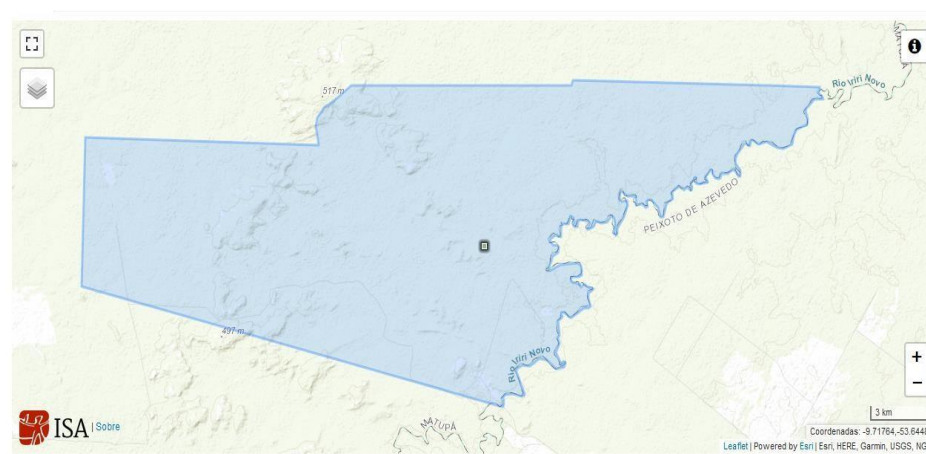
Os Terena são pertencentes à família linguística Aruak, nome que vem de povos que habitavam a região das Guianas, no norte do Brasil, e algumas ilhas da América Central, na região das Antilhas.

Quando os europeus tiveram os primeiros contatos na região, os povos se dividiram, disputando os espaços com os povos que falavam a língua da família Karib. É possível identificar diversos grupos que se utilizam da família linguística Aruak, na América do Sul, nos países da Bolívia, Paraguai e no Brasil, onde são encontrados em diversas regiões. O povo que mora mais ao sul do continente americano são os Terena, que antigamente viviam num lugar chamado Êxiva, conhecidos pelos europeus como chaco Paraguai.

Com o passar do tempo, o grupo Terena se tornou um dos povos mais populosos do Brasil e atualmente habitam os estados de Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, São Paulo e Rondônia. As especulações de terra que aconteceram em tempo anteriores no Mato Grosso do Sul e pela disputa de terra ocasionou a diminuição de vários territórios Terena e fez com que diversos grupos se espalhassem pelo Brasil.

Nesse contexto, na década de 80, devido à pouca terra existente na área denominada Terra indígena do Buriti, e Córrego do Meio Água Azul, fez com que um grupo de Terena decidisse lutar por um pedaço de Terra em Mato Grosso, liderado pelo cacique Milton Rondon como era chamado, e seu vice Cirenio Reginaldo Francisco, ambos da etnia Terena falante de língua materna.

Figura 5 – Terra Indígena do Iriri Novo



Fonte: Google Maps (2022).

O povo Terena levou quase 18 anos para conquistar a terra em Mato Grosso e somente no final do ano de 2003 para 2004 que o governo destinou uma área no norte do Estado de Mato

Grosso. Atualmente essa área ficou denominada Terra indígena Terena do Iriri Novo e é composta de quatro aldeias, sendo elas: a aldeia Kuxonety Poke'e Terena (conhecida como terra prometida), onde fica a escola sede denominada Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero, a aldeia Turipuku Terena, comunidade na qual funciona a escola anexa, vinculada à Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovoêro, e há também outra aldeia Terena na área do Iriri, a aldeia Inamati Poke'e, cujo nome significa (Terra Nova ou Aldeia Nova), onde funciona a escola anexa vinculada à escola estadual indígena Elio Turi Rondon Terena, escola sede que fica na aldeia Kopenoty pertencente ao município de Peixoto de Azevedo.

Figura 6 – Representação das três aldeias na Terra indígena Terena Iriri Novo-MT



Fonte: Desenho e pintura da aluna Maria Eduarda Pereira Rondon (segundo ano da terceira fase do Ensino Fundamental), da Etnia Terena, da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

Dentre as três comunidades Terena há também uma aldeia do povo Menbegokre (Kayapó), denominado aldeia Poreby, que está dentro da Terra indígena Terena onde também funciona a sala anexa vinculada à Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

Fora da área indígena do Iriri Novo está localizada a aldeia Terena Kopenoty, pertencente ao município de Peixoto de Azevedo, comunidade em que fica a escola estadual indígena Elio Turi Rondon Terena, sendo a primeira aldeia Terena do norte de Mato Grosso numa área de 30 hectares, cedida pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), logo na chegada do povo nesta região aproximadamente 5 quilômetros do distrito União do Norte Mato Grosso.

A Aldeia Kopenoty, criada no final de 2003, fica às margens da BR-322 antiga BR-80, que liga a São Jose do Xingu, a 5 quilômetros do distrito União do Norte pertencente ao

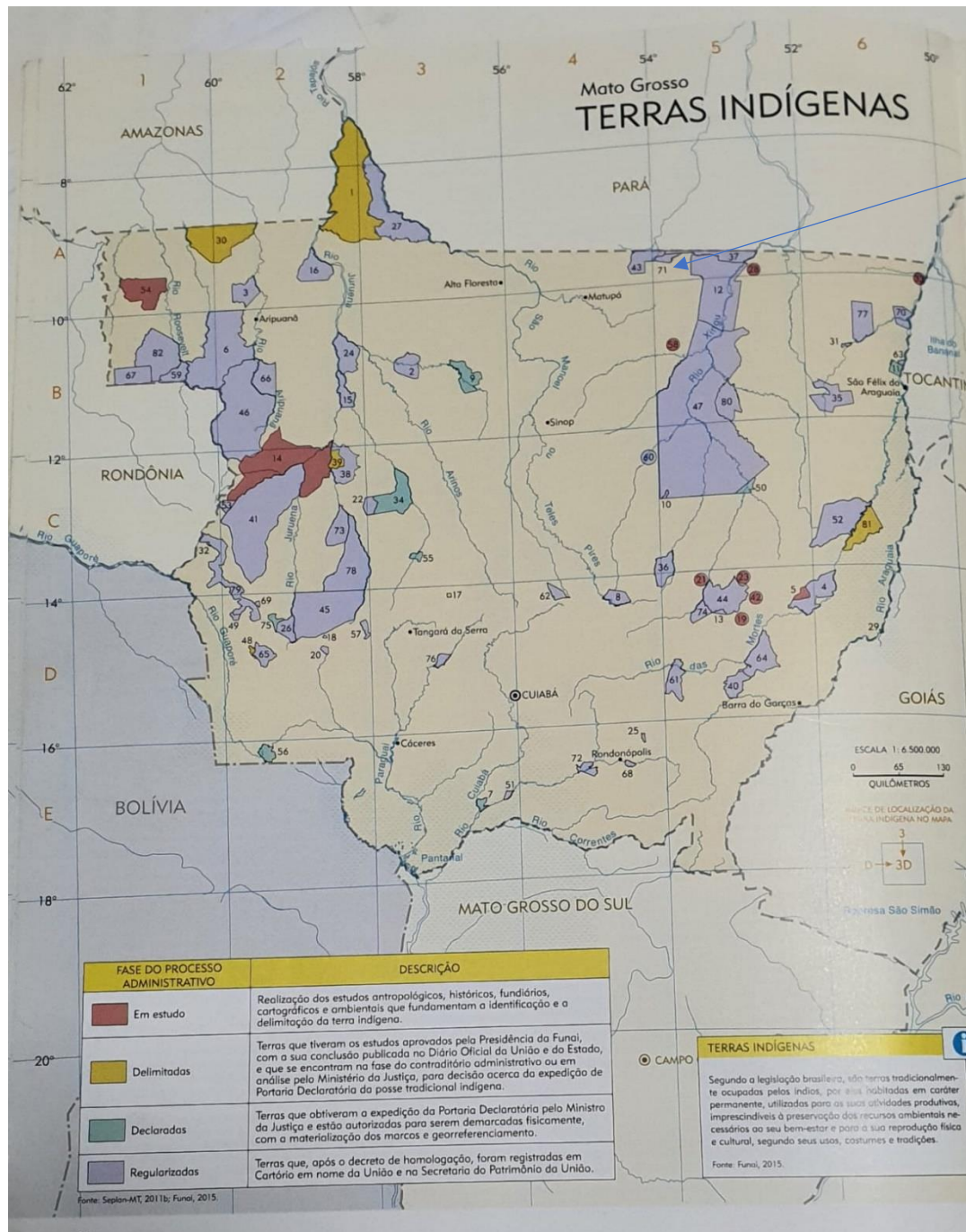
município de Peixoto de Azevedo. Lá vivem aproximadamente 20 famílias. Os primeiros que se estabeleceram nessa aldeia foram os Terena que saíram do município de Rondonópolis, do estado de Mato Grosso. Essa aldeia serviu como ponto de apoio no norte de Mato Grosso para os Terena conquistarem a terra indígena do Iriri Novo.

A Terra Indígena Terena do Iriri Novo está localizada a 200 quilômetros da sede do município de Matupá-MT e a 230 quilômetros da aldeia Kopenoty (primeira aldeia dos Terena no norte de Mato Grosso). Esta TI pertence ao povo Terena e foi demarcada e homologada em 2008. Nessa época, a Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero era de salas anexas³ da escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon Terena. Com a demarcação da terra indígena, algumas famílias foram se instalando, construindo casas tradicionais e formando a comunidade que hoje é reconhecida como aldeia Kuxonety Poke`é (terra prometida).

Na figura a seguir, a “Terra Indígena Terena do Iriri Novo” indicada por uma seta, que se localiza no mapa da imagem com o número 71, ficando na divisa com o Estado do Pará. O número 43 é terra indígena do povo Panará e os números 37 e 12 são terras indígenas do povo Kayapó.

³ Salas anexas são espaços usados para o desenvolvimento de aulas, mas que não configuram como uma escola independente. A sala anexa faz parte de outra unidade escolar que fica em outro local.

Figura 7 – Terras indígenas



Fonte: MIRANDA (2016, p. 26).

Então a escola também se tornou pequena para a quantidade de alunos que passaram a viver nessa aldeia. Assim, depois de muitas lutas, foi criada a escola com capacidade para atender toda a demanda da comunidade.

A escola da comunidade Terena tem sido importante na formação escolar e cultural dos alunos, relevância que se dá no processo de criação de estratégias de ensino, desafiando os limites de um modelo educacional que tem buscado a interculturalidade como meta. O processo

pedagógico desenvolvido nessa escola procura oferecer práticas pedagógicas que atendam culturalmente o povo Terena e demais etnias. Uma escola diferenciada, assegurada pela legislação brasileira, que determina a responsabilidade dos Estados pela oferta da educação básica aos povos indígenas no sistema de ensino.

Mesmo marcada por diretrizes protecionistas, a legislação brasileira anterior à Constituição de 1988, que tratava dos povos indígenas, orientava-se pela gradativa assimilação e integração dos povos indígenas à comunhão nacional, de forma espontânea ou por processos legais e formais, porque os entendia como categoria transitória, fadada à extinção. Com a educação escolar não foi diferente. As leis da educação nacional sempre trataram todos os brasileiros como iguais ou na perspectiva da construção da igualdade étnica, cultural e linguística. ((MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1998, p. 29).

Uma das atividades que demonstram esse processo é a forma pela qual a escola vem trabalhando no fortalecimento do ensino da língua Terena, valorizando o ensino de história do povo e da cultura conforme determina a Constituição Brasileira (1988), em seus artigos 210, 215, 231 e 232. Nesse documento está expressa a garantia de que os povos indígenas têm o direito, e deve ser respeitada a organização escolar dentro da sua cultura, o direito à terra e aos processos próprios de aprendizagem e ao uso da língua materna em suas variações.

A seguir apresento como está o uso da língua Terena nas aldeias em Mato Grosso do Sul.

Com relação aos estágios apresentados, o Terena apresenta variações, devido às diferenças sociolinguísticas que existem entre as diversas aldeias. Por exemplo, entre as aldeias visitadas, Moreira, Cachoeirinha, Passarinho e Babaçu, todas localizadas na região de Miranda, MS, pode-se observar que em Moreira só existem falantes que dominam o idioma entre os mais velhos, 40 anos e mais. Por este motivo, a língua não é mais ensinada em casa, e, consequentemente, as crianças crescem falando o português como primeira língua. Cachoeirinha, por sua vez, apresenta um quadro diferenciado, a começar pelo tamanho da aldeia e o distanciamento geográfico em relação à cidade de Miranda. A língua Terena ainda é utilizada em casa e pessoas de todas as faixas etárias dominam o idioma, sendo difícil encontrar um falante monolíngue de português. (NASCIMENTO, 2012, p. 15).

As garantias na área da educação foram normatizadas pelas seguintes leis: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 (LDB) em seus artigos: 26, 32, 78 e 79; Plano Nacional de Educação, Lei nº 10.172-09/01/2001; Parecer nº 14/09/99 que fundamentou a Resolução CEB 03/99 do Conselho Nacional de Educação de 10/11/99; Decreto Presidencial nº 5.051, de 19 de abril de 2004, que promulgou a Convenção 169 da OIT.

Desde a criação dessa escola, a gestão tem sido ocupada por indígenas, assim como os cargos de professores têm sido ocupados por profissionais formados em diferentes áreas do conhecimento, que atuam no Ensino Básico e Ensino Médio regular. Além de atender aos

alunos da comunidade Terena, também atende a outras etnias da região circunvizinha, a Terra Indígena Terena do Iriri Novo.

A seguir, apresento no Quadro 2 os dados dos gestores da escola, diretor e coordenador pedagógico, no período de 2008 até 2023.

Quadro 2 – Gestores da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero

Diretora/Formação	Ano	Coordenador/Formação
Cícera Chagas da Silva Licenciatura Letras	2008 a 2016	Micael Turi Rondon Licenciatura em Linguagem, Arte e Literatura
Cirenio Reginaldo Francisco Licenciatura em Ciências Biológicas	2017 a 2018	Micael Turi Rondon Licenciatura em Linguagem, Arte e Literatura
Edimilson Alves Delfino Licenciatura em Pedagogia	2019 a 2020	Cirenio Reginaldo Francisco Licenciatura em Ciências da Natureza
Danilo Campos Licenciatura em Ciências da Natureza	2020 a 2023	Integradora Cícera Chagas da Silva Licenciatura Letras

Fonte: o autor (2023).

Com a realização dessa pesquisa, é possível compreender a importância que a escola tem para o povo Terena no que tange à autonomia do fazer pedagógico como um espaço de vivência cultural e aprendizado, além de fortalecer o ensino específico a partir da história do povo Terena

1.1 *KOPENOTY KOYUHOYA NE PAYASSOTI HO'I* – TERENA DO NORTE DE MATO GROSSO

O povo Terena que se localiza ao norte de Mato Grosso é de origem do Mato Grosso do Sul, do município de Sidrolândia e Dois Irmãos do Buriti. O povo Terena tem a origem do Chaco Paraguai, palavra dada pelas pessoas não indígenas, segundo Ladeira (2000). Os Terena viviam antigamente no Êxiva, lugar conhecido pelos Purutuyé não indígena como Chaco Paraguay” (BITTENCOURT, LADEIRA, 2000, p. 35).

Figura 8 – Aluna da escola Komomoyea Kovoêro, Maria Eduarda Pereira Rondon, da etnia Terena, representando o grafismo do povo Terena como parte da resistência Terena no norte de Mato Grosso-MT



Fonte: Igor Rondon (2022).

Segundo Bittencourt (2000), o Povo Terena sempre foi nômade e ocupou imensas áreas de terras na bacia do rio Paraguai. Com a colonização dos portugueses e com eventos como a Guerra do Paraguai, que ocorreu entre os anos de 1864-1870, estes povos foram sendo colocados em uma área incompatível com as suas práticas de subsistência, o que gerava conflitos internos e por outro lado ameaças externas.

O contato com os fazendeiros gerava desde o início muitos conflitos, posto que estes queriam tornar os indígenas trabalhadores das suas propriedades. Os Terena nunca aceitaram a servidão nas fazendas e chegaram algumas vezes a se rebelar contra os fazendeiros. Mesmo vivendo fora das aldeias, espalhados pelas fazendas, os antigos nunca se esqueceram que eram Terena, continuando a falar a língua e a sonhar em voltar para suas terras.

Por motivo de aumento de população indígena na aldeia Buriti, Córrego do Meio, Água Azul e Olho da Água, nos anos de 1980, parte deste grupo Terena, liderado pelo saudoso Cacique Milton Jorge Turi Rondon, migrou para o Mato Grosso.

A condição de índios com pouca Terra, confinados em pequenas reservas, levou-os à constatação de que o espaço físico onde viviam era demasiadamente reduzido para a sobrevivência do grupo, e este foi um dos motivos que fez com que essas famílias se submetessem à migração definitiva para longe de suas terras e de seus parentes, em busca de melhores condições objetivas para se reproduzirem enquanto uma nação, enquanto um povo (ZOIA *et al.*, 2015).

Após 18 anos de muitas lutas, os Terena perfazem uma população de 600 indígenas organizadas em grupos que vivem em aldeias distantes uma das outras. A aldeia Kuxonety Poke'e, que significa "Terra Prometida", é a principal aldeia Terena no Iri Novo. Distante 6 quilômetros dela está a aldeia Terena, a Inamati Poke'e (Aldeia Nova) e a 30 quilômetros da aldeia principal está a aldeia Turipuku. Essa aldeia Turipuku tem o nome em homenagem a Elio Turi Rondon, que era Tapirapé, e o significado de Turipuku, em Tapirapé, é "criado com não indígena". Essas três aldeias foram construídas na terra indígena Terena Iri Novo, pertencendo ao município de Matupá.

A aldeia Kopenoty (Índio), localizada às margens da BR-322, a primeira a ser formada pelos Terena no norte de Mato Grosso, fica no município de Peixoto de Azevedo e está a 230 quilômetros da TI Iri Novo.

Os Terena da região norte de Mato Grosso são marcados por fortes lutas e conquistas em busca de um pedaço de terra, que só foi homologada no ano de 2008. Além disso, a migração acarretou perdas significativas, como o uso menos frequente da língua materna, já que as famílias foram obrigadas a morar nas periferias das cidades, como em Rondonópolis-MT, onde havia contato com vizinhos, colegas de trabalhos, escola, para tanto se usava a língua portuguesa, para se comunicar.

Apesar do contato com não indígenas, conseguiram assegurar grande parte da cultura, que são os artesanatos, a dança, as comidas típicas, entre outras. Os Terenas que vivem no norte de Mato Grosso no município de Matupá e Peixoto de Azevedo pertencem à família do tronco linguístico Aruak, que é falada pela maioria das pessoas que já dominavam a língua materna muitos antes de sair de suas aldeias de origem em Mato Grosso do Sul para o Mato Grosso e que hoje tem nos ajudado a fortalecer esta língua nas escolas indígenas Terena de suas comunidades.

A língua, bem como a cultura, vai sendo moldada ao longo do tempo. Qualquer grupo social humano é um universo completo de conhecimento integrado, com fortes ligações com o meio em que se desenvolveu. O conhecimento das línguas indígenas e, por meio delas, o conhecimento da experiência e do conhecimento acumulados pelos povos que as falam é de valor cultural e social inestimável (TEIXEIRA, 1995, p. 293).

A grande preocupação das lideranças e dos professores que também assumem o papel de liderança é manter a língua materna fluente, pois hoje temos visto que não é fácil e que não sabemos até que ponto conseguiremos manter esta língua por diversas razões. Na visão das lideranças, isso está ligado aos projetos de políticas públicas de estado e município que não são construídas para dar suporte a essas línguas que vêm se perdendo ao longo do tempo. Temos buscado fortalecer junto às pessoas Terena falantes da língua na escola, mas também são poucas horas que os alunos ficam estudando a língua materna e o resto do dia falam em língua portuguesa, pois seus pais não se responsabilizam em auxiliá-los, deixando a total responsabilidade para a escola o ensino da língua materna.

Tivemos grande avanço em 2013, porque conseguimos por meio do município uma sala de aula de pré-escola onde a professora da aldeia Kopenoty lecionava na Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena somente em língua materna e fazia atividades pedagógicas e lúdicas. A escola Elio Turi Rondon Terena fica localizada na aldeia Kopenoti Terena a 5 quilômetros do Distrito União do Norte, Município de Peixoto de Azevedo.

A partir das práticas realizadas pela professora na educação pré-escolar na aldeia, notamos que os alunos começavam a falar algumas palavras em Terena. Mas, por motivos políticos do município, foi interrompido o contrato da professora que dominava a língua Terena, sendo substituída por uma professora que não dominava a língua materna. A boa prática de ensino em língua Terena foi uma experiência significativa, porém com a substituição da professora o objetivo não foi alcançado, que era ensinar para as crianças ainda na pré-escola a língua Terena.

Temos buscado por meio do projeto como os Saberes Indígenas na Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero fortalecer com os alunos a escrita da língua materna, o que tem trazido resultado para resolver o problema da ausência do domínio da língua. Para efetivar ações mais práticas para o ensino da língua Terena, foi elaborado com os alunos, professores e pessoas falante da língua um minidicionário que tem nos ajudado no ensino dos primeiros anos do Ensino Fundamental.

Essa é uma situação de desafios que enfrentamos na educação atual do povo Terena do norte de Mato Grosso. Ao se passar 18 anos de muitas lutas, essa é uma das preocupações das lideranças e professores que muitas vezes têm buscado fortemente o fortalecimento da cultura Terena.

Em virtude dos fatos mencionados, levando em consideração a perda do grande líder que tivemos, o Cacique Milton Jorge Turi Rondon, que também era o incentivador da cultura e falante da língua materna, e que em todo momento de suas reivindicações sempre mencionava

essa frase. “Enquanto acreditar em meus sonhos, nunca me faltará forças para lutar pelo Brasil melhor”.

É por essa razão que encontramos forças para continuar lutando em prol da comunidade Terena do norte de Mato Grosso em busca dos nossos direitos e fortalecendo cada vez mais a nossa identidade cultural.

Cada ano que passa o povo Terena tem se fortalecido no norte de Mato Grosso, e suas histórias de lutas são de fundamental importância e têm se repetido em muitas falas das lideranças, que buscam lembrar das duras reivindicações que viveram para que a terra fosse demarcada e homologada no ano de 2008. Com muita sabedoria, os líderes deixaram um marco histórico para as novas gerações de indígenas Terena e um legado de luta por território e preservação da cultura Terena, com seus costumes de língua, crença e conhecimento em medicina tradicional.

Cada período da história do povo Terena é marcado por fortes lutas, que têm servido de inspiração para as novas gerações de líderes, que vêm ao longo dos anos se destacando nas políticas indígenas e reivindicação por demarcação de terra, sustentabilidade ética, saúde e educação, que tanto temos buscado nos últimos anos. Mesmo tendo os direitos garantidos na Constituição de 1988, esses direitos ainda são negados aos indígenas, como o usufruto legal de suas respectivas terras de origem.

1.2 ALDEIA TERENA KUXONETY POKE´E – “TERRA PROMETIDA”

Na aldeia Kuxonety Poke`e tem um espaço de lazer onde ocorrem as festividades. Essas festividades são de responsabilidade da comunidade. No espaço são realizadas diversas atividades, como prática de esporte, entre elas o futebol, dança tradicional e demais eventos. Em volta do gramado estão as casas de moradores que residem no lugar. O espaço é formado por árvores frutíferas, como manga, caju, jabuticaba, goiaba, limão, laranja, jaca, fruta do conde, pequi, gabioba e vegetação nativa.

Figura 9 – Espaço de lazer da aldeia Kuxonety Poke'e



Fonte: Acervo da comunidade Terena Kuxonety Poke'e.

A imagem a seguir mostra a rua em frente à escola que dá acesso ao rio Iriri Novo. Em volta estão as casas dos moradores que ficam próximas da escola, mais à frente está o posto de saúde que atende às comunidades Terena da região do Iriri novo. Pode se observar na imagem que a escola está passando por momentos difíceis em seu aspecto estrutural, pois a SEDUC-MT não tem realizado melhorias. Seria importante e necessária a construção de uma escola de alvenaria, que atenda às demandas dos alunos professores e comunidades.

Na atualidade, as aulas funcionam em um casarão de madeira, que chamamos de escola. A escola foi construída pela comunidade com a ajuda de pais e alunos que residem neste lugar desde o ano de 2007.

Figura 10 – Rua principal que dá acesso ao rio Iriri em frente à Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero Aldeia Kuxonety Poke'e



Fonte: Acervo da aldeia Terena Kuxonety Poke'e.

A aldeia conta com um posto de saúde em que os indígenas Terena e Kayapó, circunvizinhos, são atendidos, área em que podemos ver plantações de árvores frutíferas em volta do pátio que foram cultivadas logo na chegada da construção da aldeia.

O atendimento no posto de saúde é realizado por Terena Alvanei Pereira, enfermeiro formado pela Universidade do Federal de Mato Grosso, Câmpus de Sinop, que é auxiliado por três técnicos em enfermagem, todos indígenas. Os cuidados na aldeia são realizados exclusivamente pelo posto de saúde, pois pela maioria da população ser evangélica não existe indígena com função de xamã.

Figura 11 – Posto de Saúde da Aldeia Kuxonety



Fonte Maria Eduarda Pereira Rondon (2023).

A aldeia Kuxonety é liderada pelo cacique escolhido pela comunidade, geralmente uma pessoa indicada, e quando existe mais de uma pessoa indicada é realizada uma eleição. Todos, mulheres e homens, acima de doze anos, participam da eleição, caso seja necessário. O resultado da escolha da comunidade é registrado em Ata.

O cacique é a liderança que visa buscar desenvolver um trabalho de esclarecer diversos assuntos no que diz respeito às políticas internas e indigenistas externas, visando o bem-estar da comunidade Kuxoneti.

A aldeia ainda conta com uma igreja, a União das Igrejas Evangélicas da América do Sul (UNIEDAS), que também foi fundada nesse mesmo ano, representada por indígenas Terena buscando fortalecer a união do povo. Quase 80% dessa aldeia são de moradores evangélicos, que saíram em 1990 da aldeia Água Azul, entre os municípios de Dois Irmãos do Buriti e Sidrolândia/MS e que hoje vivem no norte de Mato Grosso. Os 20% dos que não participam da igreja não têm religião, ou seja, permanecem crendo em deus ITUKO'OVITI, que por sua vez consideramos um só Deus.

Figura 12 – União das Igrejas Evangélicas da América do Sul (UNIEDAS)



Fonte: Maria Eduarda Pereira Rondon (2023).

A igreja sempre tem contribuído para o crescimento e desenvolvimento da aldeia. A convivência se dá a partir das participações dos jovens e adolescentes que buscam contribuir também com o fortalecimento cultural do povo Terena. Quanto aos rituais sagrados, a comunidade procura praticar de forma paralela com a igreja, isto é, a cultura caminhando junto, sem interferência de disciplina religiosa.

Nesse cenário, pode ser percebido que a igreja foi criada principalmente para dar o ensinamento da palavra do que relata a Bíblia, sem impedir que os Terena andem caracterizados ou pratiquem suas danças tradicionais. Com tudo isso, pode-se notar nas festividades que os evangélicos dessa denominação não separam grupos ou divisão de uma ideologia desconstrutiva, porém tudo caminha de forma paralela. Uma das observações que faço é que

quando uma criança brinca até entardecer, a mãe recolhe seus brinquedos acreditando que algum espírito pode brincar com o brinquedo da criança. Nessa observação fica evidente que a mãe acredita na parte da cultura quando lá na infância aprendemos com nossos avós que o objeto não pode ficar para fora. Dentre outros são as roupas que também são estendidas fora, que também devem ser recolhidas, pois os Terena acreditam que algum espírito mau pode brincar com a roupa e fazer com que a criança não durma bem.

Quanto aos remédios tradicionais, do mato, todos são usados em benefício da cultura. Esses costumes estão bem vivos nessa comunidade, diferente de algumas denominações religiosas que, quando entram na aldeia professando alguma fé cristã, acabam trazendo consigo disciplinas que interferem na cultura tradicional, impedindo de praticá-la. Tudo isso também traz divisão de ideologia, mas para nossa realidade isso não tem se manifestado, já que, ao contrário de outras, a igreja tem somado força com a comunidade, trabalhando sempre com a prevenção para que jovens não se envolvam com bebidas alcoólicas e drogas.

Por mais que moramos distante da cidade, esses ensinamentos buscam moldar as cabeças dos jovens e crianças para que quando precisarem sair de suas aldeias, não se envolvam em problemas que venham afetar seu convívio na aldeia. Então as lideranças têm buscado apoiar a igreja, fortalecendo e ajudando nas partes que competem a uma comunidade na limpeza coletiva do pátio e em festividades envolvendo essa denominação.

2. CRIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA DA ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA TERENA KOMOMOYEA KOVÔERO NA TERRA INDÍGENA IRIRI NOVO – MATO GROSSO

Figura 13 – IHIKAXOVO´UKUTI – Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero



Fonte: Acervo Misma Turi Rondon – Etnia Terena.

A imagem acima mostra a escola que foi construída com a participação da comunidade Terena, da aldeia Kuxoneti Poke´e, localizada na terra indígena do Iriri.

A escola está localizada na entrada da aldeia. O local foi escolhido pela comunidade para atender às demandas dos estudantes que buscam se matricular nessa unidade escolar. A escola foi construída em madeira, em 2007. Segundo relatos de moradores e professores, ela apresenta problemas estruturais.

No período chuvoso, existem goteiras que dificultam a aprendizagem dos alunos. No período de seca, o calor toma conta das salas de aula, devido à pouca ventilação. Mesmo com essas dificuldades, a escola está conectada à rede mundial de computadores, facilitando o acesso de alunos e professores à internet.

No entorno da escola está um campo de futebol e um posto de saúde.

Figura 14 – Alunos na Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero



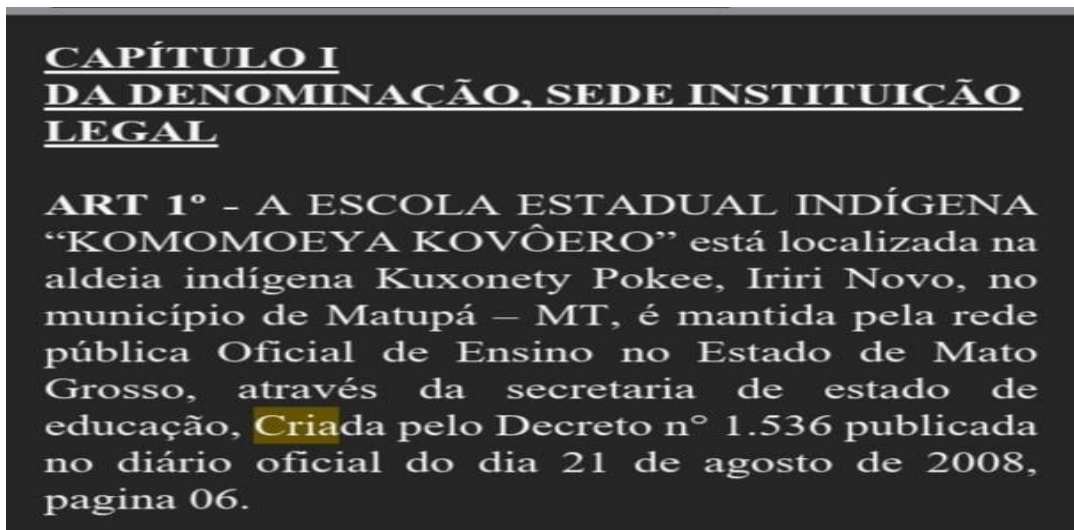
Fonte: Acervo Misma Turi Rondon – Etnia Terena (2022).

A Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero, após a homologação da terra indígena do Iriri Novo, ficou sob a coordenação da Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon Terena, passando depois a ser autônoma a partir de 2008.

Para entendermos essa história, foi preciso buscar várias fontes, como documentos e arquivos pertencentes à Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

Em janeiro de 2008, Cirenio Reginaldo Francisco, na ocasião cacique, com sua esposa a professora Cícera Chagas da Silva, reuniu a comunidade e propôs a criação de uma escola indígena, sendo apoiado pela maioria das lideranças que também buscava por uma escola que atendesse à comunidade naquela época. Então apoiado pelas pessoas da comunidade da aldeia Kuxonety Poke'e, foi discutido e aprovado pela maioria o nome Komomoyea Kovôero (Visão de Água).

Figura 15 – Documento de criação da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero – MT



Fonte: Acervo da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

A criação da escola atendeu uma grande necessidade, pois estávamos distante a 230 km do município de Matupá e também da sede que éramos atendido como anexa, no entanto o cacique Cirenio Reginaldo e sua esposa que também eram professores na ocasião foram a luta junto as liderança com apoio dos demais indígenas Terena que também aderiram nessa época a ocupação deste território indígena do Iriri Novo construindo casas tradicionais e roças no lugar onde estavam sendo também criado a aldeia Kuxonety Poke'e que significa “Terra Prometida”.

A migração pode ser definida como o movimento da população pelo espaço. Esse movimento relaciona-se às transformações econômicas, sociais e políticas que ocorrem nos diferentes lugares. Por isso, o seu significado e as suas motivações variam tanto no tempo como no espaço. A migração não é um fenômeno atual. Ela é antiga; desde os tempos primitivos o homem se desloca pelo espaço. Mas esse fenômeno, tão antigo, é conseqüentemente renovado. Em cada momento histórico, condições que levam o indivíduo a deixar um lugar por outro são diferentes, relacionadas ao desenvolvimento de cada sociedade. Por isso dizemos que a migração é um fenômeno histórico e social (SANTOS, 1998, p. 6).

Com a criação da Escola Estadual Indígena Terena Komomoya Kovôero, em 21 de agosto de 2008, houve uma grande procura por parte de jovens indígenas Kayapó por escola, onde pudessem estudar regularmente, podendo concluir seus estudos e continuar contribuindo com suas comunidades.

Entretanto havia uma preocupação porque ainda estavam os Terena recém-construindo as casas tradicionais e o acesso para entrar na aldeia era muito difícil, além da questão cultural por se tratar de outro povo, de outra língua e uma vez que os costumes dos Kayapó são diferentes dos Terena que estão ao norte do Mato Grosso, mas que aos poucos foram

aprendendo a convivência e formando uma comunidade escolar intercultural.

Nesse período de procura por escola, Cirenio Reginaldo e sua esposa Cícera buscaram ajudar esses jovens criando uma casa de estudantes indígenas na comunidade Terena, onde todos os anos recebem alunos que variam de 20 a 30 alunos Kayapó e outras etnias, como Xavante, Paresí, Panará, que estudam e se alimentam integralmente sem qualquer custo. Eles são sustentados pela escola, comunidade e igreja.

A escola conta com duas salas anexas na aldeia Turipuku do cacique professor Mateus Rondon e professor Messias Rondon, ficando a 30 quilômetros da sede da Escola Indígena Terena Komomoya Kovôero, somando uma população de 50 pessoas Terena, sendo multisseriada⁴ do 1º ao 9º ano do Ensino Fundamental e Médio.

Além dessa sala, a escola atende a uma sala dos Kayapó da aldeia Poreby, a 2 quilômetros distante da sede. Estima-se nessa aldeia uma população de 80 pessoas. A escola conta com outras duas salas que também são extensão anexas da aldeia Kapoto, da etnia Kayapo e aldeia Kororoti, onde tive a oportunidade de ministrar aula no início do ano de 2016 para o Ensino Médio com Misma Turi Rondon, que é minha esposa, atendendo aos alunos indígenas e onde atualmente ainda ministro aula nessa comunidade Kororoti da etnia Kayapó.

Figura 16 – Aldeia Kororoti, sala anexa da escola Komomoya Kovôero



Fonte: o autor (2022).

A aldeia Kuxoneti Poke´e está a 200 quilômetros atendendo em uma sala anexa da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero, sala anexa Kororoti. A aldeia da comunidade Mebengokre Kayapó tem aproximadamente 30 famílias localizadas à beira do rio

⁴ Multisseriada é uma sala de aula que ao mesmo tempo, no mesmo turno, estudam alunos de diferentes etapas escolares (neste caso, anos escolares), sob a regência de um único professor.

Iri, município de Peixoto de Azevedo.

Figura 17 – Sala anexa aldeia Kororoti, alunos do 3º ano – Ensino Médio, da etnia Mebengokre Kayapo



Fonte: o autor (2022).

A escola municipal está vinculada ao município de Guarantã do Norte – MT, onde tem funcionado o Ensino Fundamental do 1º ao 9º ano, ficando o Ensino Médio sob a responsabilidade, como sala anexa, da escola Komomoyea Kovôero, pertencente à aldeia Kuxonety Poke´ e vinculada à Seduc – MT e gerenciada pela Diretoria Regionalizada de Ensino de Matupá.

Figura 18 – Professora e alunos produzindo roupa tradicional



Fonte: Maria Eduarda Pereira Rondon (2022).

Conforme o regimento interno da escola, ela tem a seguinte composição: diretor, coordenador pedagógico, associação de pais e mestres, secretaria, auxiliar administrativo, corpo docente, zelador e merendeira, professores e alunos. Todos os professores do Ensino Fundamental ao Ensino Médio são indígenas.

A escola é construída em madeira, com fechamento em tábuas e coberta com telhas de amianto. O contrapiso serve como revestimento. Para a comunidade, devido aos problemas e infraestrutura, é urgente a construção de uma nova escola em alvenaria.

A edificação da escola é formada por dez salas de aula, dois banheiros, uma sala administrativa, uma cozinha e um refeitório, uma biblioteca, um laboratório de informática – que está desativado por falta de equipamentos – e uma sala de Educação Infantil que é atendida pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Matupá.

A escola conta com 44 professores indígenas, que incluem os professores das salas anexas, um diretor, um coordenador pedagógico, um articulador, dois zeladores e uma técnica não indígena, administrativa educacional, que atende no município de Matupá.

Em 2005, logo quando os Terena chegaram à Terra indígena Iriri Novo, onde estava sendo construída a aldeia Kuxoneti, a escola funcionava embaixo de uma casa tradicional feita de palha, ainda como anexa à Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon.

A Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero foi construída após a criação da aldeia Kuxonety funcionando desde 2007 no antigo barracão da comunidade.

Atualmente a Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero atende aproximadamente 120 alunos indígenas entre Terena, Kayapo e Xavante, alunos que ficam na casa do estudante, construída para atender aos alunos que saem de sua aldeia distante para estudar. Eles cursam o Ensino Fundamental e Ensino Médio.

Os alunos que moram na casa do estudante ficam sob a responsabilidade do cacique e pastor Cirenio Reginaldo e da coordenadora da escola indígena, Cícera Chagas. O casal vem trabalhando desde o início da criação da aldeia com alunos de outras etnias que procuraram a escola para uma formação e conclusão do Ensino Médio regular.

Figura 19 – Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero



Fonte: Acervo Misma Turi Rondon – Etnia Terena.

A escola também atende a uma sala do município de Matupá, destinada ao ensino do Pré-Escolar I e Pré-Escolar II. A professora regente é indígena da aldeia. Ela faz formação acadêmica pela Unemat de Barra do Bugres.

A escola é atendida por um ônibus escolar, com motorista não indígena contratado pelo município de Matupá para atender às demandas da escola, transportando alunos das casas das aldeias mais distantes da sede e dentro da aldeia Kuxonety Poke'e.

Na escola não há iluminação adequada, prejudicando a visão dos alunos. É uma escola que precisa de nova construção, porém com estrutura física de alvenaria. A solicitação para a construção de outra escola de alvenaria já está tramitando pela Secretaria de Estado de Educação de Cuiabá, mais até o presente momento não obtivemos resposta da construção dela.

Figura 20 – Pátio da escola Komomoyea Kovôero



Fonte: Acervo da escola Komomoyea Kovôero (2023).

Ao redor da escola há também casas e um posto de saúde, campo de futebol que os professores usam para levar os alunos para desenvolver brincadeiras pedagógicas, lúdicas e realizar as aulas de Educação Física. Pode se entender que tem grande importância para o povo Terena.

O funcionamento dessa escola quanto ao seu currículo segue o modelo de características indígenas, com calendário escolar adequado e específico respeitando as diferenças étnicas, conforme o artigo 23 da Lei de nº 9394/ 96, Lei de Diretrizes e Base de Educação no Brasil, que trata sobre a readequação do calendário escolar.

A escola indígena foi criada para atender a alunos indígenas e para manutenção das riquezas culturais. A escola onde persiste uma união deste povo Terena, podendo denotar sinais de força na sociedade em que ela se encerra, criando expectativa de novos horizontes, capacitando seus profissionais com formação continuada para que atendam com relevância às necessidades do ensino e aprendizagem, levando em consideração o tempo de aprender de cada aluno. Nesse sentido, o que tem ocasionado suas fraquezas são as políticas externas que muitas vezes não têm nos ajudado em nossa escola, como a construção da nova escola de alvenaria, por exemplo, para atender às demandas desses alunos e professores dessa

comunidade.

Entende-se que a escola e a comunidade têm sido parceiras em todos os trabalhos voltados ao bem-estar dos filhos que se encontram matriculados, buscando sempre envolver a participação dos pais, alunos, professores e funcionários nas atividades promovidas. Além das reuniões oficiais e pesquisa, a escola busca juntos aos professores um bom relacionamento interpessoal para a garantia de um ambiente saudável.

A escola funciona no período matutino, das 7 às 11 horas. No período vespertino não são ministradas aulas, mas são realizadas atividades que os professores passam como complementação das atividades normais. No período da noite funciona a turma do Ensino Médio regular.

Durante a pesquisa *in loco*, observei que os alunos saem às 9 horas para merendar e todos ficam em fila seguindo os padrões da escola por 10 a 15 minutos. Quando retornam para a sala de aula, parecem todos estar com muita vontade de aprender e assim é começado a aula normal até as 11 horas da manhã.

A merenda escolar é repassada pela Secretaria de Estado da Educação conforme a Portaria nº 551/2018/GS/SEDUC/MT e comprada na cidade que fica a 230 quilômetros, no município de Matupá, sendo também servido aos alunos durante a merenda produtos cultivados na roça da aldeia Kuxonety Poke'e, como abóbora, mandioca, milho, maxixe, batata, banana, verdura e outras. Os cardápios podem variar durante a semana.

Quadro 3 – Cardápio da Merenda Escolar

Segunda- feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Arroz	Arroz	Arroz	Bolacha de sal	Arroz
Feijão	Feijão	Feijão	Leite achocolatado	Feijão
Macarrão	Peixe frito	Abóbora	Suco natural	Frango
Carne bovina	Mandioca	Carne moída	Bolacha doce	Banana

Fonte: Dados da Escola Indígena Komomoyea Kovôero.

Os produtos da roça são servidos conforme o tempo de produção e fornecidos pelos pais dos alunos.

A Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero está organizada conforme o seu regimento interno e cada segmento é pautado pelos princípios democráticos da política de igualdade, mantendo uma convivência pacífica e solidária, onde o tratamento é igual para todos, a fim de combater todas as formas de preconceito, discriminação e exclusão. A escolha

de seus funcionários é democrática, cabendo à comunidade escolar escolher os funcionários por eleição, entretanto é feita uma ata onde todos com idade acima de 12 anos assinam concordando com o que foi escolhido pela maioria.

Pode se dizer que essa prática conduz a uma satisfação prazerosa da comunidade, atendendo ao anseio de cada professor que está apto para conduzir o ensino e aprendizagem dos alunos, sendo eles responsáveis pelo ensino escolar da comunidade indígena Terena.

O professor conduz suas aulas e passa também a ser um responsável como liderança em conduzir reuniões e esclarecer políticas externas. As atividades curriculares da escola estão pautadas em seu regimento interno e em seu Projeto Político-Pedagógico, cujas bases estão no Referencial Curricular Nacional para Escolas Indígenas (RCNEI) e na Lei de Diretrizes e Base da Educação Brasileira, LDB nº 9394/96.

A escola como espaço do povo Terena teve que ser pensada principalmente quanto ao que deveria ou não ser ensinado, pois historicamente as escolas têm exercido um papel descolonizador do pensamento e da cultura dos povos, uma vez que, conforme nos fala Nascimento (2010), essa situação só muda quando os povos conquistam o direito a uma escola específica e diferenciada, multicultural e comunitária.

Assim, os povos indígenas abrem um campo de estudos no qual se movimentam como protagonistas, no sentido de pensar o currículo a partir de outra lógica: a lógica do diálogo entre os seus saberes e os saberes legitimados historicamente pela cultura escolar.

Apesar de ser uma premissa que se apresenta em vários documentos federais, como o Decreto nº 1904/96 do Programa Nacional de Direitos Humanos e a LDB nº 9394/96 e Resolução nº 03/99/CNE/CEB, como em estaduais, como a Lei de 1989 e a LOPEB nº 49/98 e Resolução nº 201/04/CEE, o direito a uma educação ainda segue, com algumas exceções, o mesmo currículo das demais escolas pertencentes a esses sistemas.

Entretanto, há como no caso da escola Terena, que faz parte do processo de luta do povo, um encaminhamento diferenciado das atividades que são desenvolvidas na escola, considerando essas garantias legais e as diretrizes curriculares nacionais para a educação indígena.

Vale ressaltar que experiências no campo educacional quanto ao atendimento aos povos indígenas são ações pouco realizadas por outras, vias secretarias. É nessa perspectiva que a escola Terena elaborou a sua própria proposta pedagógica, para garantir os dispositivos legais e contribuir com a melhoria da qualidade e condições de vida desses povos. Isso porque há o entendimento de nossa parte, como professores indígenas conhecedores de suas realidades culturais e como povo, que atua na educação escolar indígena, da necessidade de

propormos projetos de ensino com vistas a estabelecer estratégias de resistência para impulsionar o fortalecimento do ensino de história de luta do povo Terena que tanto buscou em suas reivindicações o direito à terra e a uma escola e educação específica e diferenciada, bem como o fortalecimento da língua Terena na comunidade.

A Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero desempenha um papel de fundamental importância, desencadeando estratégias que buscam fortalecer o ensino da língua materna e a história de luta da reivindicação da terra no estado de Mato Grosso e os professores que atuam nessa escola têm Ensino Superior e outros somente magistério.

A formação continuada dos professores se dá a partir das oficinas pedagógicas com orientação dos professores e coordenadores formadores da Diretoria Regional de Educação (DRE) do município de Matupá, onde são trabalhados planejamentos e técnicas pedagógicas por meio de metodologias diferenciadas, organizados de acordo com as necessidades formativas da escola e das políticas públicas educacionais contempladas no campo das práticas pedagógicas e no campo da atualização profissional.

Dentre as formações, os resultados têm sido satisfatórios e positivos, tendo em vista que os professores têm produzido materiais e conteúdos partindo do princípio das discussões e pesquisas realizadas no encontro, facilitando assim os aprendizados dos alunos indígenas, o que reflete no avanço de seus conhecimentos. Além dessa formação, os professores buscam projetos como os saberes indígenas que também têm ajudado a produzir conhecimento no campo educacional, bem como na produção de material pedagógico voltado para o ensino básico em língua Terena.

Considerando o RCNEIs, ressaltam o processo de ensino como articulador das capacidades de ordem cognitiva, física, afetiva de relação interpessoal e inserção social, ética e estética, tendo em vista uma formação apta do educando e a construção do currículo, a partir da abordagem construtiva de ensino, que envolve a seleção de conteúdos tanto conceituais e procedimentais, quanto os conhecimentos prévios dos alunos como ponto de partida, mas o grande diferencial é a abordagem que o professor vai realizar, pois o estudo de determinado tema deve suscitar de forma integrada a construção de conceitos novos, procedimentos atitudes e valores, ou seja, cada situação didática gerará oportunidade para a organização de novos saberes sobre a realidade de forma consistente e contextualizada.

A escola Komomoyea está alicerçada por princípios e leis da educação escolar indígena. Porém, a lei nacional e estadual da educação inviabiliza a construção de nossos próprios planos de ensino, pois o sistema que recebemos nos exige seguir as orientações prontas, ficando nossas histórias, costumes e tradição alheias ao currículo oficial. A

escola, para a manutenção da identidade Terena, precisa criar projetos específicos para o ensino e valorização da cultura.

Criamos nossa escola para que possamos aprender a conviver com a sociedade envolvente e assim acreditamos que a troca de conhecimento universal e indígena tenham o reconhecimento em todos os aspectos, principalmente, do ensino específico e diferenciado conforme regem as leis estadual, municipal e federal.

Com a chegada da escola em nossa comunidade, grande avanço ocorreu ao longo dos anos. Muitos alunos que concluíram o Ensino Médio na escola estão atuando como profissionais em nossas comunidades. Os professores têm realizado um ensino de qualidade, sempre respeitando o ritmo de cada um e buscam o fortalecimento da cultura. Os professores trabalham com o princípio de liberdade e acreditando na capacidade de aprendizagem dos alunos. Os professores desejam que a aprendizagem na escola por meio da pesquisa faça com que os alunos possam melhorar seu convívio nas aldeias, sendo mais atuantes na defesa dos interesses coletivos do povo Terena.

A Escola Indígena Komomoyea Kovôero atende do Ensino Fundamental ao Médio regular e Educação de Jovens e Adultos (EJA) e, no caso da EJA, atende ao primeiro e segundo seguimentos. O calendário letivo tem 200 dias letivos, com 800 horas anuais. A equipe docente e o representante administrativo, bem como os demais membros da comunidade escolar trabalham com o apoio das DRE, desenvolvendo propostas vinculadas ao projeto pedagógico da escola. Os eixos norteadores da organização curricular da escola estão preparados para promover mudanças significativas de concepções e mentalidade a respeito das relações estabelecidas no cotidiano escolar.

Entretanto, para pensarmos na educação de nossos alunos, se faz necessário considerar também os subsídios que compõem os novos parâmetros curriculares nacionais, refletindo sobre suas orientações para possibilitar o atendimento à diversidade dos alunos na construção de sua cidadania e ainda mais se tratando de uma diversidade de alunos que compõem essa escola, com diferentes povos com costumes e língua diferentes.

Assim, vale ressaltar algumas reflexões importantes sobre algumas categorias, tais como a escola, reflexões críticas e construtivas realizadas por professores educadores progressistas e também a partir de ideias orientadas no referencial teórico RCNEI, que ganha reconhecimento de novas funções sociais, históricas e políticas, discutindo-se o espaço de construção como espaço articulador e potencializador, que busca interação com as tecnologias de informação.

Considerando o processo de ensino como articulador das capacidades de ordem

cognitiva física e afetiva de relação interpessoal e inserção social ética e estética, tendo em vista a formação como um todo e ampla do educando na construção do currículo escolar que vai se desenhando a partir das abordagens construtivas de ensino, envolvendo a seleção de conteúdos programados por cada educando, tanto conceituais e procedimentais, como atitudinais, tomando para a aprendizagem os conhecimentos prévios dos alunos como ponto de partida.

Para tanto, usa-se como grande diferencial a abordagem que o professor realiza, pois o estudo com determinados temas deve suscitar de forma integrada a construção de conceitos que vão surgindo ao longo dos novos caminhos a percorrer durante as aulas práticas e teóricas, procedimentos, atitudes e valores que geram situação didática e oportunidade para a organização de novos saberes sobre a realidade de forma consistente e contextualizada ao optar pelas contribuições das correntes históricas críticas de educação e pelos fundamentos do construtivismo para alicerçar o trabalho pedagógico e buscar fundamentação nas pesquisas científicas da epistemologia genética para entender como o sujeito aprende em sala de aula e fora dela no dia a dia da convivência na aldeia.

Nesse sentido, tenho observado as estratégias que os educandos indígenas Terena têm focado para suscitar em uma boa qualidade de ensino para os alunos que buscaram a escola como forma de aprender não só a língua portuguesa, como também a história que o povo construiu ao longo dos anos em busca por uma terra em que pudessemos construir nossa própria educação e fortalecer a nossa cultura, bem como todo o aspecto cultural que hoje temos visto que com a escola e os professores em formação e outros que já concluíram sua formação vêm buscando novos horizontes para ajudar suas comunidades nas aldeias.

Vale ressaltar que a Lei nº 11.645, de 10 março de 2008, torna obrigatório o estudo da história e cultura indígena e afro-brasileira nos estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio. Os professores indígenas da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero e funcionários estimulam o respeito à diversidade, pois a escola se encontra formando o cidadão preocupado com a coletividade na aldeia.

A Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero tem como doutrina o processo formativo para o desenvolvimento pleno do cidadão, inspirada no princípio da liberdade de expressão, com uma ação democrática e com base nas ideias de solidariedade humana e igualdade, preocupados com o bem-estar social e o respeito à natureza, tendo como base o pleno desenvolvimento do educando e seu preparo para o exercício da cidadania e convivência social. Seu engajamento nos movimentos da sociedade e sua qualificação para o trabalho, bem com sua formação humanística, cultural, ética, política, técnica, científica e

democrática proporcionam ao aluno a construção do conhecimento que assegure o prazer de aprender relacionando as descobertas do dia a dia em um ambiente dinâmico, com ênfase no processo formativo que valorize a convivência familiar humana e cultural.

A Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero apresenta em seu currículo com base no Projeto Político-Pedagógico, bem com a direção busca argumentar a importância das diretrizes com a perspectiva e pressupostos para a orientação dos alunos, buscando refletir sobre os princípios estruturadores do currículo como elementos norteadores fundamentais para a organização da prática pedagógica e administrativa da escola.

Sendo assim, seu objetivo principal é a construção de uma escola transformadora, que possibilite a superação das desigualdades sociais dos alunos que nela estudam, de tal forma que assegure o prazer de aprender relacionado às descobertas do cotidiano, num ambiente dinâmico, com profissionais competentes, comprometidos e de ação decisiva na valorização da cultura e no fortalecimento da identidade no processo de construção de saber, levando em consideração os desafios de cada educando de se construir uma proposta educacional compatível com as exigências políticas, econômicas, culturais e sociais.

A escola considera a Resolução 03/99, de 17 de dezembro de 1999, da Câmara da Educação Básica /CNE, que define as diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar indígena, garantindo, no artigo 5º da Resolução, a formação do Projeto Político-Pedagógico próprio por escola ou por povo indígena tendo como base a Diretriz Curricular Nacional referente a cada etapa da educação básica com as características próprias das escolas indígenas e com respeito às especificidades étnico ou cultural de cada povo ou comunidade.

Nessa conjuntura, a escola tem como proposta de trabalho os temas transversais, o estudo das ciências da terra e conservação da biodiversidade, a autossustentação, os direitos, as lutas e os movimentos, ética, pluralidade cultural, saúde e educação, sendo em um nível adequado para os alunos que se encontram regularmente matriculados nesta unidade escolar da rede pública de ensino.

3. PRÁTICA PEDAGÓGICA INTERCULTURAL NO ENSINO DE HISTÓRIA DO POVO TERENA

As práticas pedagógicas incluem o planejamento e a sistematização, partindo de uma ação pedagógica dinâmica no processo de aprendizagem, que ocorrem para além da aprendizagem, a fim de garantir o ensino de conteúdos e atividades que são considerados fundamentais para aquela formação do aluno e a partir desse processo cria-se nele um mecanismo de mobilização de saberes, construindo com um espaço educativo.

O professor, ao desenvolver suas práticas pedagógicas, precisa fazê-las de forma estruturada e organizada, e um dos critérios importantes é a seleção dos conteúdos por meio de fontes, as quais possa incorporá-las na qualidade de seus processos de ensino e na aplicação daquilo que se necessita para o trabalho pedagógico junto aos alunos.

É importante que educadores utilizem todos os recursos pedagógicos oferecidos pela escola: TV, vídeo, *datashow*, livros didáticos, leituras, exposições, seminários, debates, trabalhos em grupo, cartazes, produções escritas e pesquisa para o desenvolvimento de um trabalho dinâmico. Toda essa mobilização de recursos e metodologias diferenciadas tem o objetivo de fazer o aluno aprender e construir o seu próprio conhecimento. A criatividade e o compromisso são essenciais para encontrarmos caminhos que contribuam com a construção de uma prática pedagógica forte e significativa.

No desenvolvimento de práticas pedagógicas, ressalto que a sala de aula é um espaço em que ocorrem diferentes tipos de aprendizagens e essas diversas formas de aprender são “as múltiplas determinações decorrentes da cadeia de práticas pedagógicas que a circundam. Quando se considera a necessidade de olhar essas práticas na perspectiva da totalidade, compreendem-se melhor essas relações” (LUKÁCS, 1967, p. 240).

Ao se deparar com várias leituras envolvendo práticas pedagógicas, no programa de pós-graduação Mestrado Profissional em “Ensino em Contexto Indígena Intercultural”, produzi algumas reflexões que apresento neste trabalho.

Trago uma experiência minha e dos professores de convivência escolar onde atuo como professor do Ensino Médio nas salas anexas. Assim, apresento uma das práticas desenvolvidas dentro da disciplina de História no Ensino Médio, ou seja, o trabalho com conto e história do povo Terena, durante as duras reivindicações junto ao governo para aquisição da Terra indígena Irii Novo.

Nós, os Terena, precisávamos da terra para a construção da Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero para assim darmos significado à continuação de novas lutas e demandas

que ocorrem durante as caminhadas e que novas gerações possam também aprender por meio da escola a buscar os seus direitos, não mais da forma tradicional, à base de “bordunada” e “frechada” e bloqueio em rodovias, mas sim na forma do diálogo e com documentos formalizados pelos próprios indígenas, onde eles possam manifestar suas reivindicações perante o governo e a sociedade sem ter que usar a forma tradicional do povo, como foi visto durante as duras lutas dos Terena nas rodovias da BR-163 nos anos de 1980.

A escola vem abrindo caminhos com professores indígenas habilitados em diversas áreas, principalmente por meio da formação oferecida pela Unemat, câmpus de Barra do Bugres. Os professores buscam colocar em prática tudo o que aprenderam durante as aulas de graduação, incentivando os alunos a buscarem e compreenderem seus direitos sobre diversos assuntos, bem como sobre o seu território, sua segurança alimentar, saúde e educação, sendo assim, temos visto que os alunos têm encorajado uns aos outros para também ocupar cargos públicos e políticos na área da saúde e educação, visando aprender na escola e levar conhecimento para suas comunidades.

Os professores buscam oportunizar aos alunos aprendizagens que vão desde a prática e desejo pela leitura de histórias do povo Terena por meio de produção de texto escrito pelos próprios indígenas sobre as histórias dos Terena de Mato Grosso, até a produção de pequenos livros escritos por eles. Estimulando as participações do aluno na prática da escrita não só da história, mas também da língua Terena, é possível modificar o estado da insensibilidade emocional e diferenças do ser humano. Assim, os alunos vivem a prática pedagógica com a história escrita e contada pelo ancião, quando é chamado na sala de aula nas práticas dos saberes indígenas como educador e colocado sob atitude reflexiva da própria prática. Nessa vertente, trago uma experiência fundamentada a partir de Franco (2016):

[...] como aqueles que permitem ao professor a leitura e a compreensão das práticas e que permitem ao sujeito colocar-se em condições de dialogar com as circunstâncias dessa prática, dando-lhe possibilidade de perceber e auscultar as contradições e, assim, poder melhor articular teoria e prática. É possível, portanto, falar em saberes pedagógicos como saberes que possibilitam aos sujeitos construir conhecimentos sobre a condução, a criação e a transformação dessas mesmas práticas (FRANCO, 2016, p. 545).

Todas as ações da escola exigem uma preocupação em envolver a comunidade, assim, a escola sempre tem buscado envolver a participação dos pais dos alunos e professores em toda atividade promovida por meio de reuniões, oficinas e pesquisas, buscando sempre um bom relacionamento interpessoal e comunitário, para a garantia de um ambiente saudável.

Então, as práticas pedagógicas desenvolvidas na Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero sempre estão voltadas para o ensino e a aprendizagem. Elas são decididas e realizadas na escola e vão desde o Ensino Fundamental ao Ensino Médio, que e funcionam organizados por ciclo de formação humana.

Essas práticas são adequadas à organização curricular, uma organização curricular que é intercultural. O Ensino Fundamental segue os princípios da proposta do projeto político-pedagógico, com as especificidades da educação escolar indígena contidas nos Referenciais Curriculares Nacionais para as Escolas Indígenas (BRASIL, 1998).

Procura-se no desenvolvimento das práticas pedagógicas atender aos diferentes ritmos de aprendizagem e selecionar os conteúdos considerando as diversidades étnico-culturais. A respeito da diversidade étnica, esclareço que a escola atende a estudantes Terena e Kayapó da região que faz divisa com nossos territórios. Os alunos de outras etnias apresentam e estudam na escola e trocam informações, estabelecendo relações entre todos os estudantes de diferentes etnias.

A interculturalidade do povo Terena, Kayapó e Panara ocorre por meio da interação de culturas diferentes, pois participam da mesma convivência escolar se relacionando em um mesmo espaço do território indígena do Iriri Novo, podendo denotar sinais de fortalecimento cultural e união. Desta maneira pode ser compreendido a interculturalidade por meio das vivências que ocorrem durante todas as festividades em que este povo participa das mesmas vivências, porém com culturas e ritos diferente do povo Terena, bem como o modo de convivência e organização dentro de suas comunidades.

O professor ao preparar suas aulas com práticas que estimulam a interação e a compressão com intencionalidade, busca interagir com todas as etnias que se encontram no mesmo espaço, os alunos recebem os mesmos conhecimentos, participam das mesmas atividades, comem a mesma alimentação e se interagem por meio da língua portuguesa na Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

O Ensino Médio configura-se como uma ação específica e busca atender a essas demandas, respondendo às necessidades atuais que são abordadas nas salas de aula pelos professores com os temas transversais: autossustentação, ética, terra e biodiversidade, procurando realizar um trabalho intercultural. Essas práticas são desenvolvidas com diferentes atividades, como por meio de cantos e textos que são próprios dos povos Terena e Kayapó.

Para compreender a efetividade da prática do ensino da história do povo Terena na escola, no Ensino Fundamental, entrevistei professoras pedagogas Terena, fazendo alguns questionamentos, como:

- a. Como acontece a prática pedagógica para o ensino de História na Escola?
- b. Que material você utiliza na disciplina de História?
- c. Como acontece a prática pedagógica para o ensino de História na Escola?
- d. Você utiliza livros, *datashow*, vídeo, televisão?
- e. Como é a prática sobre a cultura Terena na escola?
- f. Você utiliza exemplares como livros, apostila, cartilha?
- g. Como você tem ensinado a história de migração do povo Terena do estado de Mato Grosso do Sul para o Mato Grosso?
- h. Você tem algum planejamento da disciplina de história relacionado ao povo Terena que você possa me conceder para eu colocar na dissertação? Se tiver eu agradeço. Pode ser fotos de alguns rascunhos ou digitado.

Após o diálogo com a professora, no dia 7 de fevereiro de 2023, percebi que ela ficou sem saber responder às perguntas que eu havia elaborado e com poucas palavras relata não ter trabalhado nenhuma aula relacionada ao povo Terena e fala em ter usado em todo tempo de suas aulas com os alunos livros didáticos disponibilizados pela Seduc, provenientes do Ministério da Educação. Percebe-se que a professora sistematicamente cumpre o currículo estabelecido pela Seduc em relação à educação regular, não atendendo à proposta da Lei nº 11.645 de 10 de março de 2008 e não contribui, neste caso, mesmo como Terena, para o fortalecimento da cultura do seu povo.

Ao se deparar com essa pesquisa, faço uma reflexão sobre a abordagem do estudo quanto à preocupação com a reprodução da história de luta do povo Terena. Faz-se importante abordar nas escolas indígenas dos Terena do Norte de Mato Grosso, para não cair no esquecimento, as lutas vivenciadas e que também os professores fizeram parte dessas reivindicações. Assim poderão contar as suas descendências e como os Terena chegaram ao estado de Mato Grosso e não permitir que os direitos indígenas sejam ameaçados. A escola também tem como prática convidar os anciãos para contar a história do povo.

Para mim como pesquisador, e Terena, a história é de grande importância para o povo Terena, muito embora não esteja sendo explorada por todos os professores na escola, na disciplina de História. Com tudo isso, busco refletir e orientar alguns professores que se faz necessário explorar a história do povo Terena, sobretudo em relação ao processo migratório do Estado de Mato Grosso do Sul para o norte do Estado de Mato Grosso. Além da história de luta, se faz necessário falar sobre a criação das aldeias após a demarcação do Território na terra indígena Iriri Novo, assim os alunos poderão também conhecer o processo da criação da escola e a importância que a Escola Indígena Terena Komomoye Kovôero tem para o povo Terena.

A segunda professora entrevistada, em resposta à pesquisa realizada no dia 17 fevereiro do ano de 2023, que atua no segundo ano do Ensino Fundamental, lecionando para 15 alunos, sendo eles das etnias Terena, Kayapó e Panará, propôs-se a falar de suas práticas pedagógicas na sala de aula. Ela tem Licenciatura em Pedagogia, com grande experiência na área de ensino, com mais de 10 anos de sala de aula.

Segundo a professora, quando são abordados assuntos referentes à história do povo Terena com seus alunos, ela busca falar oralmente do assunto e os alunos também realizam perguntas sobre as ideias que levaram os Terenas a estar neste lugar, sempre surgindo a pergunta sobre o nome da liderança, ou seja, o nome do líder que teve a ideia de os Terena reivindicar esta terra no Estado de Mato Grosso.

A professora relata que, por serem alunos do segundo ano do Ensino Fundamental, ela usa como metodologia de ensino a conversa em círculo, momento em que cada aluno ouve o outro colega de classe. Os alunos também pesquisam por meio da leitura de pequenos textos, recortes escritos, feitos por professores indígenas da graduação da Unemat que escreveram sobre o povo Terena.

Os alunos também conversam com os pais sobre o processo migratório, sobre relatos de fatos e acontecimentos que ocorreram com suas famílias durante o tempo que ficaram à margem da BR-163. Muitas crianças relatavam não ter conhecimentos profundos sobre o assunto, mas que, por meio da escola, tiveram conhecimento das duras reivindicações perante o governo para estarem no território indígena dos Terena do Iriri Novo.

Os alunos também buscam produzir pequenas histórias com a ajuda da professora e de seus pais. Os alunos realizam pesquisa e escrevem pequenas histórias de relatos que ocorreram em diferentes tempos da história do povo Terena. Sendo assim, a professora relata que também é importante que a escola possa todos os anos levar esse conhecimento para cada aluno matriculado nesta unidade escolar. Além dos Terena, temos alunos que são de outras etnias que também precisam saber da história de luta do povo Terena para se fixar neste território.

Podemos considerar esta aula, esta prática pedagógica como um encontro educativo que, segundo Franco (2016), ao ser organizada em torno de intencionalidades, atendam às “necessidades dos alunos e aguçam o desejo de ler e compreender o texto a partir da leitura” (FRANCO, 2016, p. 536).

Considerando esta prática pedagógica, a partir desta ação sistematizada, podemos perceber a motivação por parte dos alunos, quando eles mesmos começam a escrever a história do povo Terena, motivados pela leitura de texto já produzido e com a participação de anciãos

na sala de aula, momentos em que buscam compreender diferentes tempos e momentos difíceis que passamos para estarmos na Terra indígena Terena do Iriri Novo.

Podemos afirmar que a leitura é algo que é importante na vida do ser humano, pois ler estimula a criatividade e a imaginação, exercita a memória, além de contribuir com o crescimento do vocabulário e da escrita e de outros benefícios que geram conhecimento e pensamento crítico, levando ao aprimoramento da capacidade interativa a fim de manter seus raciocínios ativos e proporcionar ao leitor conhecimento amplo e diversificado sobre diversos assuntos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando a pesquisa como de grande importância para os Terena de Mato Grosso, evidentemente a conquista da terra e da escola foi de fundamental importância para que as outras conquistas acontecessem. A ocupação do território na terra indígena do Iriri Novo abriu nova expectativa de vida para os Terena, sendo que ao entrar na terra procuraram se estabelecer no lugar e formar cada aldeia com seus representantes caciques de suas comunidades. Assim também as salas anexas vinculadas à Escola Indígena Terena Komomoyea Kovôero se estabeleceram em cada comunidade Terena, atendendo às necessidades das famílias que se encontram morando em aldeias distantes uma das outras da sede da escola dentro do território dos Terena.

A pesquisa apresentada na dissertação se trata especificamente da aldeia Kuxoneti Poke'ê, onde foi fundada a segunda instituição escolar dos Terena no norte de Mato Grosso, a Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

Para a realização da pesquisa, foi necessário compreender o processo migratório dos Terena do Estado de Mato Grosso do Sul para o Mato Grosso e assim também entender como se estabeleceu a escola no meio dessa comunidade, criando mecanismo pedagógico intercultural para atender não só ao povo Terena, mais a outros povos que também buscam se matricular nessa unidade escolar.

Nesse sentido, verifiquei documentos e conversas com professores que fazem parte desta instituição no sentido de deixar registrado como ocorreu a fundação dessa unidade escolar e como a escola está organizada.

É importante destacar e fazer reflexão sobre a história do povo Terena durante o processo da reivindicação da terra e os principais líderes do movimento na busca por território no Mato Grosso, porque sem esses acontecimentos da luta dos líderes Hélio Turi Rondon, Milton Rondon e Cirenio Reginaldo Frâncico e pessoas que se envolveram fortemente para garantir o território, nada teria sido construído nesta terra em que hoje se encontra o povo Terena de Mato Grosso.

Para tanto, deixo minha admiração a todas as pessoas que buscaram permanecer firmes nesta luta pela garantia da terra e também da escola que se encontra funcionando, sendo que a gestão e os professores são indígenas e todos com formação acadêmica.

É importante destacar que a escola é um espaço de interculturalidade porque recebe alunos de etnias diferentes, como Xavante, Panará e Kayapó, além da maioria Terena. Dessa forma, existe uma troca de saberes entre essas diferentes etnias e os alunos, em sua maioria

jovens, conversam entre si, trocam experiências, além de atividades curriculares que permitem a exposição das diversas culturas. Isso resulta em aprendizagem.

Na escola em análise, não estudam alunos não indígenas, porém a maior parte do currículo é construído para eles. Dessa forma, a cultura do não indígena se faz fortemente presente.

Conforme experiência realizada na aldeia Kuxoneti Poke'e, com o trabalho realizado sobre a história do povo Terena e a troca de informações culturais entre as etnias, é possível mostrar que a escola tem trabalhado, em certa medida, respeitando a interculturalidade dentro do contexto indígena específico e diferenciado, porém para a concretização de uma sólida educação escolar indígena encontra-se o impasse que é o sistema unificado de ensino estabelecido pela Seduc, que não leva em conta as diferenças da educação escolar indígena.

A Seduc-MT continua sem reconhecer nossas diferenças culturais e não aceitando a proposta de um calendário específico e diferenciado. A escola tem que submeter ao calendário organizado por ela.

O calendário escolar que desejamos é aquele que respeite a organização interna da comunidade, com as atividades coletivas onde os alunos e seus pais possam participar das festas tradicionais das construções das casas tradicionais das roças.

O povo Terena, por ser conhecido como pequenos e grandes agricultores, fica impedido muitas vezes pelo sistema imposto e pela forma de trabalhar na escola, de agregar esses valores da cultura por conta do cumprimento do calendário escolar, que é sistematizado e organizado pela Seduc. Os professores têm que cumprir horário em sala de aula para que o trabalho pedagógico seja reconhecido, com registro de presenças e conteúdo escolar.

A Seduc deixa de reconhecer que também produzimos conhecimento por meio dos valores que a cultura agrega. Fora da sala de aula, o aluno também é capaz de aprender a construir as casas tradicionais, as roças, bem como sua capacidade de ajudar a comunidade futuramente. Entende-se que quando esses conhecimentos ficam somente em teoria, a tendência é não saber lidar com as dificuldades futuras e a princípio os jovens têm que se interessar pelas atividades coletivas para que no futuro possam conduzir a comunidade e dar continuidade à geração futura do povo, bem como aos ensinamentos da cultura que também passam a ser valorizados.

Tive a oportunidade de perceber na minha entrevista de dissertação com os professores indígenas Terena que a nossa história é de fundamental importância, mas observei poucos professores falando sobre essa história de lutas do povo Terena em sala de aula, sendo assim, notei que esse problema tem sido visto por conta de não ter material suficiente fornecido pela

rede de educação ou publicado com a história desde a saída dos Terena de Mato Grosso do Sul para o Mato Grosso-MT, passando então a usar trabalho de artigos científicos e trabalho de conclusão produzidos pelos estudantes indígenas que estudaram na Faculdade Indígena Intercultural (FAINDI) da Unemat, que por sua vez buscam escrever sobre a história de luta desse povo.

Por meio da pesquisa, faço uma reflexão sobre esse conceito de ensinar história do povo Terena, acreditando que os professores poderiam incentivar mais os alunos a conhecerem o processo histórico do povo e valorizar seus líderes, que não mediram esforços para encarar politicamente o governo e garantir um pedaço de chão onde os Terena pudessem dar continuidade a sua cultura.

A história do povo Terena, ensinada na escola, assim como a história dos outros povos que estudam na escola precisa ser valorizada, para garantir um ensino intercultural e para que os alunos conheçam as diferentes formas de cultura dos povos com os quais convivem.

Organizar na escola oficinas e atividades para o desenvolvimento das práticas culturais, como oportunizar aos anciãos e anciãs que narrem a história, é importante para a consolidação da memória do povo. Movimentar-se junto à Secretaria Municipal de Cultura para criar políticas de incentivo à cultura, com o povo Terena e demais povos, garantindo o registro da história e memória do povo é fundamental, pois poderá servir como material didático a ser trabalhado nas escolas indígenas.

A realização da dissertação, foi um grande desafio, mas me sinto realizado em falar sobre este povo Terena e da criação e organização da Escola Estadual Indígena Terena, a Komomoyea Kovôero. Também em conformidade com a comunidade, busquei falar sobre esse assunto de muita relevância que resulta na produção didática de um produto pedagógico ou produto educacional que denomino **“Linha do Tempo do Povo Terena em Mato Grosso”**, o resultado de um estudo que narra a saída do povo Terena de Mato Grosso do Sul até o seu estabelecimento na região norte de Mato Grosso.

Esse produto pedagógico é consolidado à medida que permite aos professores terem acesso a um material didático que possa preencher parte da lacuna sobre a ausência de materiais para trabalhar nas escolas Terena a história do povo Terena em Mato Grosso. Ele também contempla a percepção da ausência do currículo da Escola Estadual Indígena Terena a Komomoyea Kovôero de um trabalho mais denso sobre a história do povo Terena e permite também ser exemplo para que outras escolas indígenas, de diferentes etnias, possam elaborar matérias com essa proposta.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BITTENCOURT, Circe Maria; LADEIRA, Maria Elisa. **A história do povo Terena**. Brasília: MEC, 2000.

BOSI, Ecléia. **O tempo vivo da memória**. São Paulo: Ateliê, 2003.

BRASIL. **Constituição Brasileira**, 1988. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em: 05 jan. 2022.

BRASIL. **Lei de nº 9394/ 96**. Lei de diretrizes e base de educação no Brasil. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 22 jan. 23.

ESCOLA ESTADUAL INDÍGENA “KOMOMOEYA KOVÔERO”. Regimento Escolar. Matupá (Digitado). [s.d.].

FRANCO, M. A. R. S. **A pedagogia como ciência da educação**: entre epistemologia e prática. 2001. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 601-614, jul./set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez. 1993.

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO. **Projeto Político Pedagógico**. Escola Estadual Indígena Terena Komomoeya Kovôero. Secretaria de Estado de Educação: Matupá, 2023.

JANUÁRIO, Elias et al. **Criação do Campus Universitário dos Povos Indígenas**. II Congresso Universitário da Unemat, 2008.

JESUS, Sueli Leite. **A Escola como espaço intercultural: vivências entre Kayapó e Terena na Escola Estadual Indígena Terena Komomoeya Kovôero – Matupá – MT**. 141.p. Dissertação. (Mestrado em Educação) – Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso. Cuiabá, 2019.

LUKÁCS, G. **Existencialismo ou marxismo**. São Paulo: Senzala, 1967.

LUZ, Jislaine. **O caminhar indígena por uma pedagogia (inter)culturalmente sensível: interações sociolinguísticas na Escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon “Terena**. 150p. Dissertação. (Mestrado em Letras) – Faculdade de Educação e Linguagem, Universidade do Estado de Mato Grosso, Sinop, 2020.

MATUPÁ. Município de Matupá. Disponível em: <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-matupa.html>. Acesso em: 11 fev. 2023.

MIRANDA, LEODETE. **Atlas geográfico de Mato Grosso**. Cuiabá: Entrelinhas, 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO. **Referencial curricular nacional para as escolas indígenas**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

NASCIMENTO, Adir Casaro; VINHA, Marina. **Educação escolar indígena e o Sistema Nacional de Educação**. Disponível em: <http://www.anpae.org.br/>. Acesso em: 04 mar. 2022.

PEREIRA, Rosenildo. **A luta do povo terena por chão e giz**: a importância da implantação da Escola Elio Turi Rondon para o povo terena de Mato Grosso. TCC. 36.F. (Trabalho de Conclusão de Curso) – Licenciatura em Pedagogia Intercultural, Faculdade de Intercultural Indígena, Universidade do Estado de Mato Grosso, Barra do Bugres, 2016.

PEREIRA, Rosenildo. A luta do povo Terena por chão e giz: a importância da Escola Elio Turi Rondon para aldeia Kopenoty – MT. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 4, n. 3, 2017. p. 145-160.

SANTOS, Regina Bega. **Migração no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Scipione, 1998.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **PLURAL**, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.24.1, 2017, p.214-241.

TEIXEIRA, Raquel F. **As línguas indígenas no Brasil**. Campo Grande: UCDB, 1995.

ZOIA, Alceu; PASUCH, Jaqueline; PERIPOLLI, Odimar João. Dez anos dos índios Terena em Mato Grosso: aprendizagens de um processo migratório, conquistas e desafios. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 9, n. 1, p. 86-104, jan./jun. 2015.

Entrevistados / Narradores Terena

Eliel Rondon

Misma Turi Rondon

Brasília Clemente Rondon

Ilustradores dos desenhos

Alice Reginaldo Rondon

Maria Eduarda Pereira Rondon



ESTADO DE MATO GROSSO

SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO



CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL – PPGECH

ROSENILDO PEREIRA

PRODUTO PEDAGÓGICO

VITONE POKÉ'E YOKO, IHIKAXOVOKUTI TÊRENOE:

POKÉ'EXA KOPÉNOTI INÁMATI IRÎRI NOVO MT

A CONQUISTA DA TERRA E DA ESCOLA TERENA:

A TERRA INDÍGENA DO IRIRI NOVO - MT

Barra do Bugres – MT
2023



ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CÂMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. EST. RENÊ BARBOUR – BARRA DO BUGRES
MESTRADO EM ENSINO EM CONTEXTO INDÍGENA INTERCULTURAL - PPGECH



ROSENILDO PEREIRA

VITONE POKÉ'E YOKO, IHIKAXOVOKUTI TÊRENOE:

POKÉ'EXA KOPÉNOTI INÁMATI IRÎRI NOVO MT

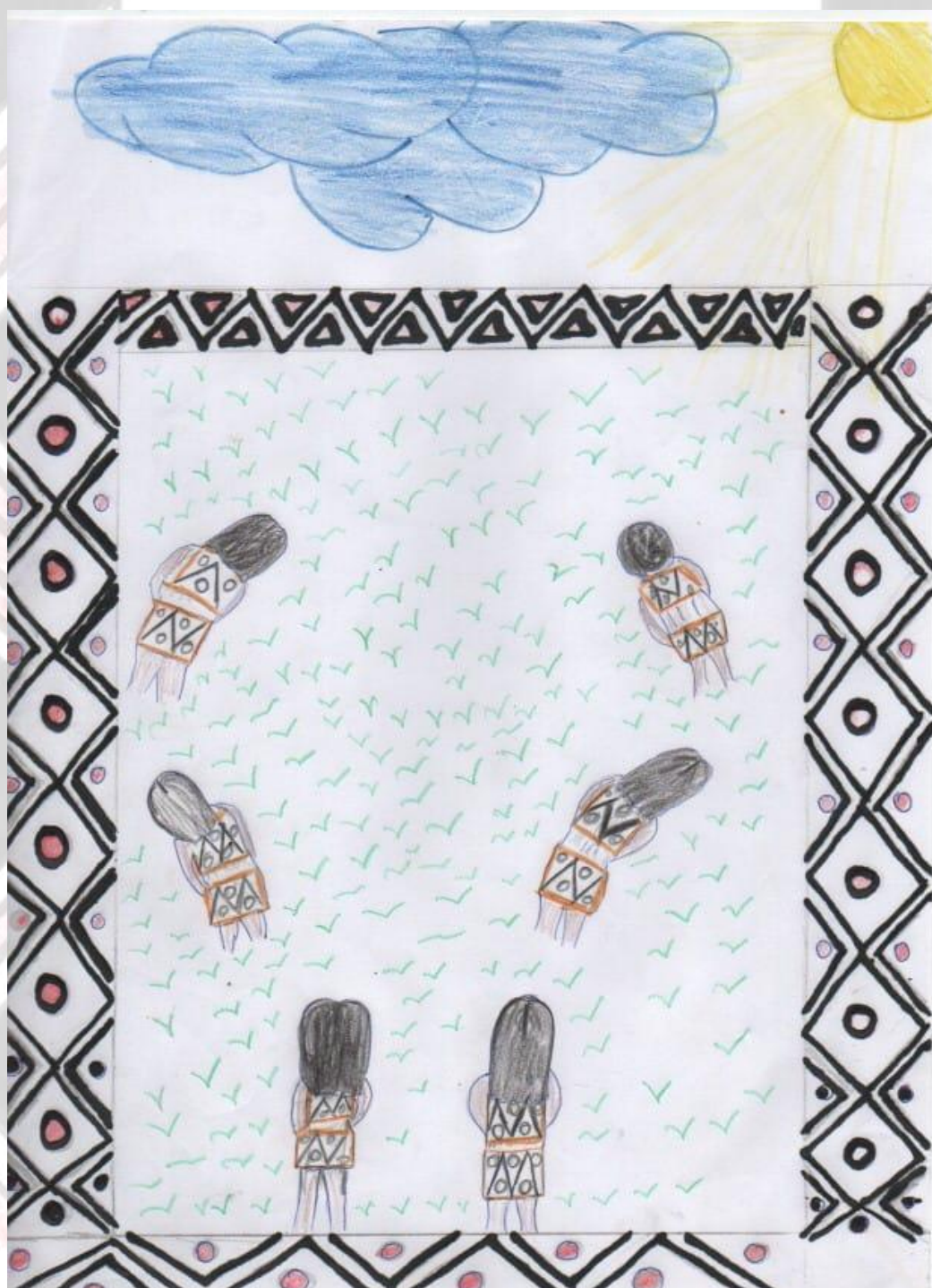
A CONQUISTA DA TERRA E DA ESCOLA TERENA:

A TERRA INDÍGENA DO IRIRI NOVO - MT

Produto Pedagógico apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECH) da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Câmpus Universitário Dep. Est. Renê Barbour, como requisito parcial para obtenção do título de mestre em Ensino em Contexto Indígena Intercultural.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Edinei de Oliveira.

VITONE POKÉ'E YOKO, IHIKAXOVOKUTI TÊRENOE:
POKÉ'EXA KOPÉNOTI INÁMATI IRÎRI NOVO MT
A CONQUISTA DA TERRA E DA ESCOLA TERENA:
A TERRA INDÍGENA DO IRIRI NOVO - MT



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Elio Turi Rondon Terena.....	7
Figura 2 – Divisão Política Territorial entre Mato Grosso-MT e Mato Grosso do Sul-MS	9
Figura 3 – Plantação de Banana	11
Figura 4 – Crianças atravessando o Rio Vermelho para chegar à escola onde estudavam	12
Figura 5 – Reunião com o coordenado da Funai em Cuiabá Mato Grosso	13
Figura 6 – Ata que define o movimento indígena Terena pela aquisição de uma área específica em Mato Grosso-MT	14
Figura 7 – À esquerda: Milton Rondon no meio, Mateus Alcântara e logo atrás Brasiliana Clementina.....	15
Figura 8 – Terena na cidade	17
Figura 9 – Saudoso cacique do povo Terena Milton Rondon	19
Figura 10 – Reconhecendo o Território indígena do Iriri Novo.....	24
Figura 11 – Saída da fazenda Lago Azul em Rondonópolis-MT para o Distrito União do Norte - Peixoto de Azevedo-MT	25
Figura 12 – Construção das casas da aldeia Kopenoty.....	26
Figura 13 – Aldeia Kopenoty ano de 2004.....	26
Figura 14 – Primeira instituição escolar do povo Terena - Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”	27

EXETINA KOXUNAIXEOVO TERENCE KAHÁPEA POKÉ'EXA NORTE NAKE -MT

O produto pedagógico é uma produção obrigatória do mestrado profissional, do Programa de Mestrado em Ensino em Contexto Indígena Intercultural (PPGECII) e foi pensado e formado com base na história das lutas do povo Terena para aquisição de uma área que fosse específica para os Terena no norte de Mato Grosso. O povo Terena precisava da terra para dar continuidade à cultura, bem como revitalizar partes de alguns aspectos que foram demasiadamente esquecidos.

Registro parte das conquistas após a reivindicação da terra no norte de Mato Grosso, sendo a principal a história da educação escolar dos Terenas que por várias vezes foi interrompida por conta dos movimentos na busca por território e reconhecimento dentro do Estado de Mato Grosso.

Sendo assim, o produto pedagógico vai sendo desenhado formando uma **linha do tempo**, iniciando com o começo da reivindicação da terra pelo povo Terena, e termina com a fixação do povo Terena no norte de Mato Grosso, no município de Matupá, há 230 quilômetros distante da sede do município, onde foi criada e está em pleno funcionamento a Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero, na aldeia Kuxonety Pokeé.

Para falarmos desse assunto, busco primeiramente lembrar de como saímos do Estado de Mato Grosso do Sul para o Estado de Mato Grosso, liderados por dois grandes líderes: Hélio Turi Rondon e Milton Rondo, já falecidos, mas que por sua vez a história conduzida por eles e narrada pela família e escrita nesta dissertação é uma forma de deixar registrado para as gerações Terena.

Faz-se necessário que os alunos, nas escolas indígenas, conheçam a importância dos líderes e dos demais Terena, na busca por território que assegurem o conhecimento sobre a cultura do povo, para manter os costumes tradicionais, bem como o cultivo da terra e a sobrevivência alimentar com o produto cultivado nessa terra.

Os líderes Terena, responsáveis pelo movimento do Sul para o Norte, sonhavam em ver as suas descendências vivendo da terra, por isso lutaram juntos e permaneceram firmes, ainda com seus direitos muitas vezes negados pelo governo sobre o usufruto da terra, nas seguiram firme em seus ideais desde o final do ano de 2003.

Em se tratando dos líderes, não poderia deixar de lembrar do cacique Cirenio Reginaldo, que assumiu um papel fundamental na reivindicação da terra, trazendo vários guerreiros e fortalecendo a luta nas rodovias federais de Mato Grosso para assim pressionar o governo a achar uma solução para os Terena, que já estavam há mais de semanas e meses na luta.

Após a luta, o Cacique Cirenio Reginaldo segue firme na terra indígenas Iriri Novo, no norte de Mato Grosso, assumindo um papel fundamental dentro e fora da aldeia, buscando sempre dialogar com a comunidade e com a escola indígena e professores, lideranças tradicionais. Assim, além da profissão como professor graduado, assume também uma responsabilidade como representante de igreja como pastor da denominação União das Igrejas Evangélicas da América do Sul – Uniedas.

A seguir, apresento a linha do tempo, da história de luta do povo Terena em Mato Grosso, a partir do século XX.

Principais Terena de Mato Grosso na Luta pela Terra

Hélio Turi Rondon	Etnia Tapirapé (<i>in memoriam</i>)
Milton Rondon	Cacique da etnia Terena (<i>in memoriam</i>)
Cirenio Reginaldo	Cacique da aldeia Kuxonety Poke'e

LINHA DO TEMPO

A LUTA DO POVO TERENA POR TERRITÓRIO EM MATO GROSSO-MT

1980

O INÍCIO DA MIGRAÇÃO DO POVO TERENA DE MATO GROSSO-MT

No início dos anos de 1980, Hélio Turi Rondon, com sua família, começaram a notar uma superpopulação nos territórios onde habitavam na região do Mato Grosso do Sul, na terra indígena Buriti, município de Dois Irmãos do Buriti, entre aldeia Recanto, Olho d'água e Água Azul. Ele era casado com Catarina Jorge, da etnia Terena.

Hélio Turi Rondon, sendo indígena com muito conhecimento tradicional e com visão ampla de mundo, conseguiu ver a necessidade de buscar outro lugar para morar.

Figura 1 – Elio Turi Rondon Terena



Fonte: Acervo da família de Elio Turi Rondon.

Diante de acontecimentos que ocorreram com sua família ainda morando na aldeia Recanto, na terra indígena Buriti, portanto, houve uns acontecimentos em três fatores, contribuindo para fazer a migração para Mato Grosso naquele ano e nos anos subsequentes.

1º – Hélio Turi Rondon pertencia ao povo indígena Tapirapé, povo que reside até hoje nas margens dos rios Tapirapé e Araguaia. Ele já tinha interesse de reencontrá-los, pois lá era o seu lugar de origem, um extenso território e havia muitos anos sem contato com seu próprio povo.

2º – Perda de um casal de filhos no mesmo ano, sendo eles: Cilta Jorge e Eli Jorge Rondon, entristecido, alma em desalento, com esses acontecimentos que para o povo local seria considerado que aquele lugar já não caberia mais sua família, passar por mais decepção e que tinham que se mudar para outro lugar.

Na tradição Terena, quando morre alguém na família, eles queimam a casa e todos os pertences do ente querido, mudam de casa e quando moram na mesma casa muda tudo, modifica a porta de entrada e no interior também, para que quando a alma da pessoa chegar não reconhecer mais onde ele morava. Só assim descobrirá que ele já não pertence mais ao mesmo mundo dos vivos.

3º – O sonho de voltar à terra natal era mais forte em seus desejos, ainda mais agora que havia mesmo uma superpopulação na aldeia Buriti, trazendo a escassez de terras para a família, mesmo porque Hélio Turi Rondon não pertencia à etnia Terena e querendo oferecer melhores condições de vida para sua família, precisava sair daquele lugar e sabia também ele que o povo Tapirapé tinha muitas terras do outro lado do Estado, no Médio Araguaia. Pensava na possibilidade de retirada da sua família morando na aldeia Recanto terra indígena Buriti-MS para o estado de Mato Grosso. Hélio Turi Rondon decide, com sua esposa Catarina Jorge, da etnia Terena, sair da aldeia Recanto onde moravam.

Após a decisão, foram parar na cidade de Rondonópolis-MT. Naquela época, tinha sido pouco tempo em que havia se separado os dois estados, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, e os indígenas não tinham esses conhecimentos do que eram fronteiras, muito menos o que era guerra geopolítica. O Estado de Mato Grosso do Sul foi criado em 1977 pela Lei Complementar nº 31, de 11 de outubro de 1977.

Figura 2 – Divisão Política Territorial entre Mato Grosso-MT e Mato Grosso do Sul-MS



Fonte: www.Google.com.br (2023).

Sem medo de buscar melhorias e condições de vida para sua família, não hesitou ao medo e enfrentou tudo. Mesmo com pouco recurso, saiu com toda sua família em ônibus de linha para a capital sul mato-grossense, aproveitando esses acontecimentos, que seria a melhor hora para encorajá-los. Foi então que essa família, com todo o grupo, saía assim sem mesmo saber direito o trajeto. Saíram à procura do povo Tapirapé.

Com o pouco dinheiro que tinham, deu para ir até a capital de Mato Grosso, Cuiabá, e lá foram à procura da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para lhes dar apoio, querendo eles dar continuidade a sua viagem até o destino proposto. Sabendo de seu real destino, quando saíram da aldeia Buriti, terra indígena Terena, no Estado de Mato Grosso do Sul, seria o município de Confresa, na aldeia Urubu Branco, Mato Grosso, aldeia de origem de Hélió Turi Rondon.

A Funai fez uma solução paliativa, levando-os para uma chácara onde se hospedavam as pessoas que iam a tratamento de saúde até achar outra saída. O delegado da Funai, Sr. conhecido como Coronel Cunha, por sua vez, perguntou ao Sr. Hélió Turi Rondon qual motivo os levaria à expropriação. Ele então contou tudo que havia passado com ele e a necessidade de rever seu povo e agora com outras mentalidades estratégicas por ser evangélico, com intenções de evangelizar os seus familiares de origem. O delegado então teve a ideia e colocou uma proposta que levou uma saída para as famílias Terena e tiraria um problema, já que por sua vez a Funai passaria a estar envolvida.

O Coronel argumenta em sua fala, para Hélio Turi Rondon, que no território Bororo tem uma família Bororo que mora próximo do município de Rondonópolis e essas famílias professam a mesma fé, mas está retirada do grupo por declarar a fé cristã evangélica. Posso conversar com o cacique de lá e quem sabe eles aceitam vocês morarem lá pelo mesmo objetivo.

Esta ideia partiu de um responsável da Funai, ou seja, não só colocar essas famílias Terena em um território do povo Bororo, no município de Rondonópolis, mas também para se livrar logo de um grande problema. Realmente ali habitavam essas famílias e por serem evangélicos estavam expulsos do grupo pela confissão da fé cristã, da mesma denominação evangélica.

Com o objetivo de evangelização e melhores condições de vida familiar, o grande líder dessa família Terena aceitou a proposta e logo foram falar com o chefe do posto da aldeia Tadarimana, o Sr. Leosidio Fermau, por ser ele o mediador para trazer o grupo para as suas novas moradas e com outras perspectivas, convencendo a família Bororo que facilitaria suas vidas religiosas.

Assim que assentaram a família de Hélio Turi Rondon e tiveram a vida normalizada dentro da Aldeia Pobóre, as famílias Terena foram levadas pelo mediador Leosidio Fernau para terra indígena Tadarimana, território Bororo. Começava então para essas famílias uma nova fase de vida, vendo a extensão de terra fértil e a fartura de facilidades de caça e pesca. O que estava em destaque nesse município era o plantio de algodão, recebendo aí aquela cidade o título de a rainha do algodão e o povo Terena, por ser agricultor, adaptou a agricultura da época, fizeram grandes plantios de algodão e as crianças brincavam na roça, plantando, raleando as plantas e depois trabalhando nas coletas das plumas. Tudo isso esses pequenos levavam na diversão, como se os trabalhos fossem divertidos, mas tinha ainda também as plantações de bananas.

Figura 3 – Plantação de Banana



Fonte: Acervo da família Rondon, Eliel Rondon da etnia Terena.

Com passar dos anos, as crianças foram crescendo, agora já eram todos jovens, namoraram e casaram Terenas e Bororo, nascendo várias crianças miscigenados. Aí passaram a ser inseparável os dois povos, sendo nesse contexto que favoreceu a etnia Terena, criando raízes em Mato Grosso. Isso deu a eles total ênfase de direitos ao se autodenominaram como Terena de Mato Grosso.

Ficou apenas um pouco esquecido o território Tapirapé, por ter dado certo com os Bororo a convivência entre os dois grupos étnicos. Os Terena fizeram uma comunidade pequena dentro da aldeia Bororo, tendo uma duração de cinco anos de convivência, de 1980 a 1985.

Tempos de Escola do povo Terena de Mato Grosso-MT

Os Terenas logo procuraram uma unidade escolar para dar continuidades aos seus estudos. Vendo então que todas as crianças indígenas, tanto Bororo, quanto Terena, teriam que estudar numa escola, mas a que ficava do outro lado do rio era uma escola municipal, localizada em uma pequena comunidade, com o nome fantasia de Gleba Dom Bosco, “Escola Rural Municipal Mista Gleba Dom Bosco”.

As crianças, meninos e meninas, do ensino básico, todos os dias tinham que atravessar o Rio Vermelho, o que era um desafio, pois o rio atravessa toda a extensão do município de Rondonópolis.

Era com esse enfrentamento de medo e coragens que prosseguiram todas as crianças diariamente. Um dos maiores problemas desse desafio, na maioria das vezes, era a falta de alguns adultos para ajudar na travessia do rio, pois quando chegava época das chuvaradas, que

o rio ia ficando mais cheio e com fortes correntezas, não dava para fazer o trajeto e em alguns dias nem os barcos motorizados tinham condições de fazer essa travessia. Isso era complicado na finalização de ano letivo, época de conclusão de escolaridade, chegando a ser prejudicial para os alunos com alto índice de falta nos boletins escolares. Aqueles alunos que tinham notas baixas no início do ano chegariam a ser reprovados no final do ano letivo. Mesmo assim, alguns conseguiram prosseguir em seus estudos e até chegaram a realizar seus sonhos na vida acadêmica.

Figura 4 – Crianças atravessando o Rio Vermelho para chegar à escola onde estudavam



Fonte: Desenho ilustrado por Alice Reginaldo Rondon, aluna do 4º ano da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

Mas esse caminho nunca foi fácil. Em alguns momentos, por sair da aldeia enfrentando outras realidades culturais não indígenas, fora de suas culturas naturais, entrando em outros ambientes, presenciando de fato uma nova realidade social e muitas vezes ficando em desvantagens sociais. Tudo que existe dentro da sociedade global, onde muitos tiveram motivos de sobra para desistir, por sermos de maneira diferente dos não indígenas na forma de educar e fazer educação, mas o pensamento de crescer intelectualmente falava mais alto nas mentes de alguns ao saber que a única saída para crescer social e economicamente seria pela da educação escolar. Foi esse ensinamento que os mais velhos colocaram sempre na mente dos jovens, para mais tarde poder defender os seus próprios direitos na sociedade geral. Como dizia Hélio Turi: “Ninguém é capaz de saber como será na vida futura com as criações de lei e emendas parlamentares que vêm acontecendo ao longo desses anos. Precisamos estudar muito”.

Infelizmente tinha que se passar por todos esses desafios, mas como diz o ditado popular: “tudo que é bom dura pouco”. A vida com os Bororo estava se efetivando de forma tranquila.

1988

Em pouco tempo, ou seja, em 1988, a própria Funai, que deveria ser a protetora dos indígenas, agora age com papel de vilã. Por causa da produção que haviam já conquistado, fizeram um documento como se fosse os Bororo e encaminharam pedindo a retirada dos Terena daquele território. Nesse mesmo ano, houve uma reunião com a maioria das lideranças e com o representante da Funai, pensava que expulsariam os Terena, mas o cacique geral Bororo, vendo tudo que produziram, pediu para ficarem, só não mais para plantar e os Terena poderiam ficar até a fazer toda a colheita para sair.

Aproveitando aquela reunião, foi feito um pedido para que a Funai fosse providenciar uma área, nem que fosse pequena, mas, que ficasse para o povo Terena morar, reconstruir a história e desenvolver suas culturas e fazer suas plantações.

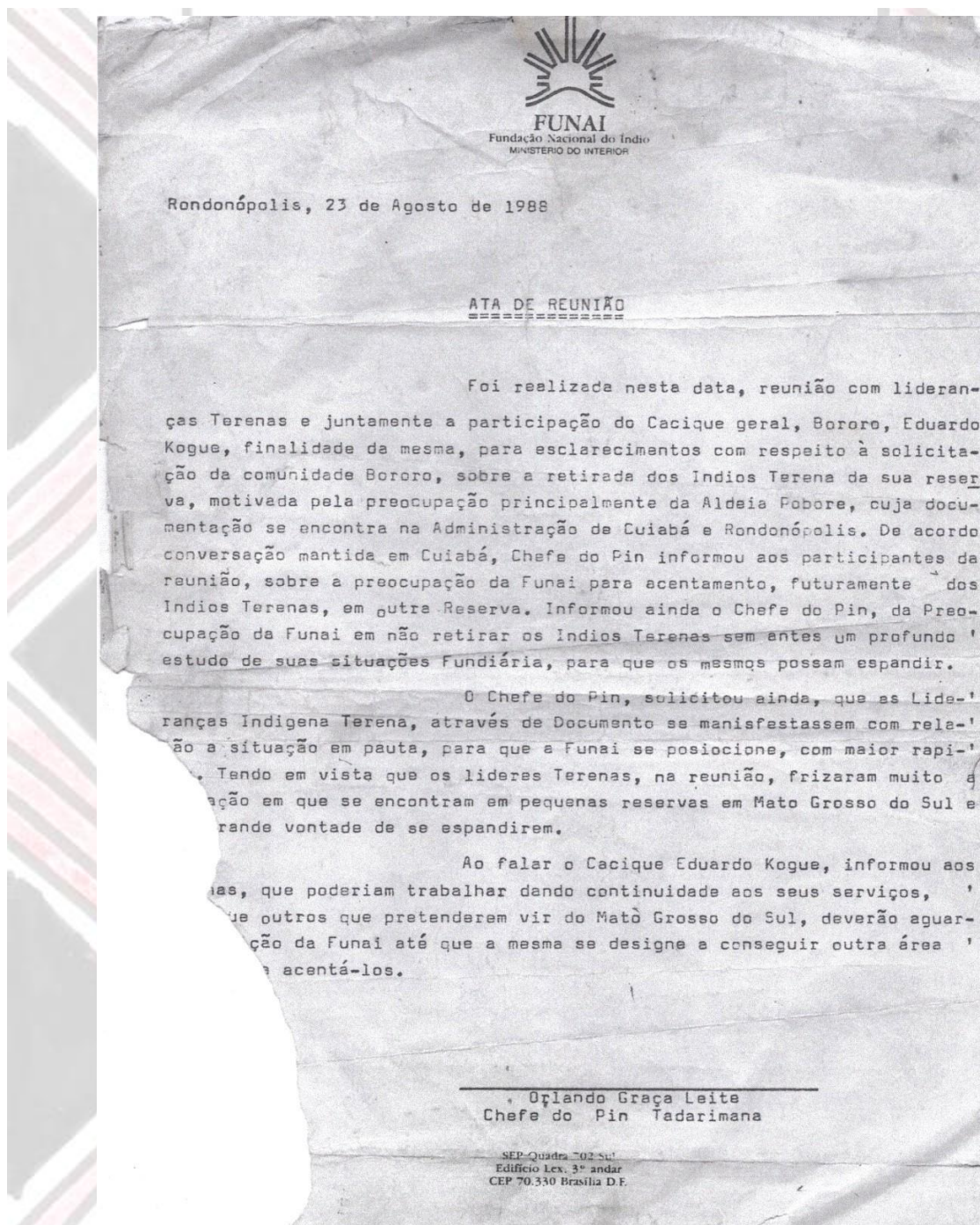
Figura 5 – Reunião com o coordenador da Funai em Cuiabá – Mato Grosso



Fonte: Desenho de Maria Eduarda Pereira Rondon, aluna do 4º ano da Escola Estadual Indígena Komomoyea Kovôero e pintado por Alice Reginaldo Rondon.

Como podemos ver no documento, mesmo em estado de degradação e corroído pelo tempo, em ata daquela época, elaborado pelo próprio representante da Funai e assinado por todos os presentes naquela reunião.

Figura 6 – Ata que define o movimento indígena Terena pela aquisição de uma área específica em Mato Grosso-MT



Fonte: Acervo Eliel Rondon

Tempo de Peregrinação

Hélio Turi logo foi providenciar uma saída para os Terena. Foi nas fazendas circunvizinhas procurar trabalho e meios para sobreviver nos dias vindouros. Mesmo sem abrir novas áreas e proibido de plantar, mas morando ainda lá, conseguiu terra em um local chamado Fazenda Velha, área que o fazendeiro estava abrindo. Pegaram para plantar o que fosse necessário, teriam que pagar uma porcentagem e deixar a área plantada de capim para pastagem. E os Terenas aproveitaram bem a oportunidade, como podemos ver na imagem a seguir atravessando fardos de algodão.

Figura 7 – À direita Milton Rondon, no meio Mateus Alcântara e logo atrás Brasiliana Clementina



Fonte: Acervo Eliel Rondon.

Alguns meninos foram procurar pescadores profissionais para providenciar recurso para prover alimentos e as meninas foram parar na cidade à procura de emprego, como domésticas nas casas ou nos comércios locais. Dois anos foi a duração daquele trabalho. Findando o contrato com os fazendeiros e não havendo mais como permanecer em terras Bororo e na fazenda, começa aí a peregrinação do grupo na periferia urbana de Rondonópolis. Passando por período muito difícil, algumas famílias que estavam na área Bororo retornaram para Mato Grosso do Sul. Por não haver perspectiva, apesar de o destino do Sr. Hélio ainda ser de reencontrar seu povo no Médio Araguaia, nesse tempo conheceu um trabalhador da saúde que borrifava as casas para combater a malária.

O trabalhador da saúde disse ao Sr. Hélio Turi Rondon que conhecia os Tapirapé e que executava trabalho lá também. Hélio Turi Rondon então pegou todas as informações, ficou sabendo que os Tapirapé tinham perdido seu território Urubu Branco para fazendeiros, assim aumentou o anseio desse retorno, mas precisaria fazer umas economias para a passagem, pois todo o trajeto e local já tinha conhecimento. Feito isso muito breve, foi de fato ao reencontro, podendo perceber a veracidade do fato e local para as futuras moradas, já que tinha sido frustrado o trabalho de evangelização com o povo Bororo.

Esse reencontro foi da forma mesmo que ele esperava e o próprio povo já foi pedindo para se mudar e levar toda a sua família e tudo que tinha construído, para juntar forças e aumento populacional. Enquanto isso, os que ficaram na cidade de Rondonópolis já estavam traçando novos planos com a ideia de Milton Rondon.

Os novos pensamentos surgiram quando os agentes ambientais aprenderam na casa dos Terena, na cidade, mais de mil quilos de pescados que tinham conseguido, alegando que, por ser época da piracema (época em que os peixes sobem rio acima para reprodução), não era permitido armazenar peixes pescados nos rios e ainda mais na cidade. Foi muito triste verem tudo que tinham ser confiscado, inclusive a aparelhagem de pesca, como motores, redes, tarrafas, barcos e até os refrigeradores.

Figura 8 – Terena na cidade



Fonte: Desenho ilustrado por Alice Reginaldo Rondon, aluna do 4º ano da Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

Foram atrás da Funai para recuperação do que havia sido retido pela polícia, mas a Funai negou atendimento e o órgão que tomava conta da saúde indígena não atendia mais, as assistências por partes dos indigenistas. A todo o instante negavam atendimento, dizendo serem os Terena índios destribalizados e desaldeados sem nenhum vínculo. “Aquelas pessoas já não são mais indígenas, moram na cidade e não têm aldeia.”. Mas Milton Rondon, filho mais velho de Hélio Turi Rondon, sabia e lembrava do documento elaborado há quase uma década antes para o órgão providenciar uma área específica para esse grupo Terena que se autodenominava “Os Terena de Mato Grosso”.

Foi uma reunião prolongada para esses assuntos, houve questionamento quanto ao material que tinha sido aprendido dias atrás e simplesmente Milton Rondon disse: “Vamos usar todos esses acontecimentos a nosso favor, ou eles devolvem nossos materiais aprendidos ou voltamos as nossas práticas ou ignoramos e partimos para outras estratégias com os órgãos responsáveis e indigenistas” (Comentado por Eliel Rondon, 20 de fevereiro de 2023).

Eram poucas famílias vindas na primeira vez do Mato Grosso do Sul. Foram oito famílias, depois vieram mais seis, para fazer movimentos em busca de Terra. O número de famílias era muito pouco e precisariam de mais guerreiros, mais famílias e assim saíram em busca de parcerias com a sociedade civil organizada, Rotary Clube, UFMT, Direitos Humanos. Milton Rondon encontrou um conselheiro dos Direitos Humanos, um velho amigo, Paulo Augusto Mário Isaak, conhecido por todos como professor Paulo Isaak, e agora ele era antropólogo e prometeu estender as mãos e ajudar nas estratégias.

Quando Hélio Turi Rondon chegou do reencontro com os Tapirapé, já haviam sido traçados novos planos e o sonho de morar no Médio Araguaia não findou. Pensaram em colocar em prática essa nova batalha e se no fim de tudo não desse mesmo certo, retornariam as conversas com o outro povo e deslocariam para lá, disse Milton Rondon, agora com novas expectativas (Relato de Eliel Rondon, 20 de fevereiro de 2023).

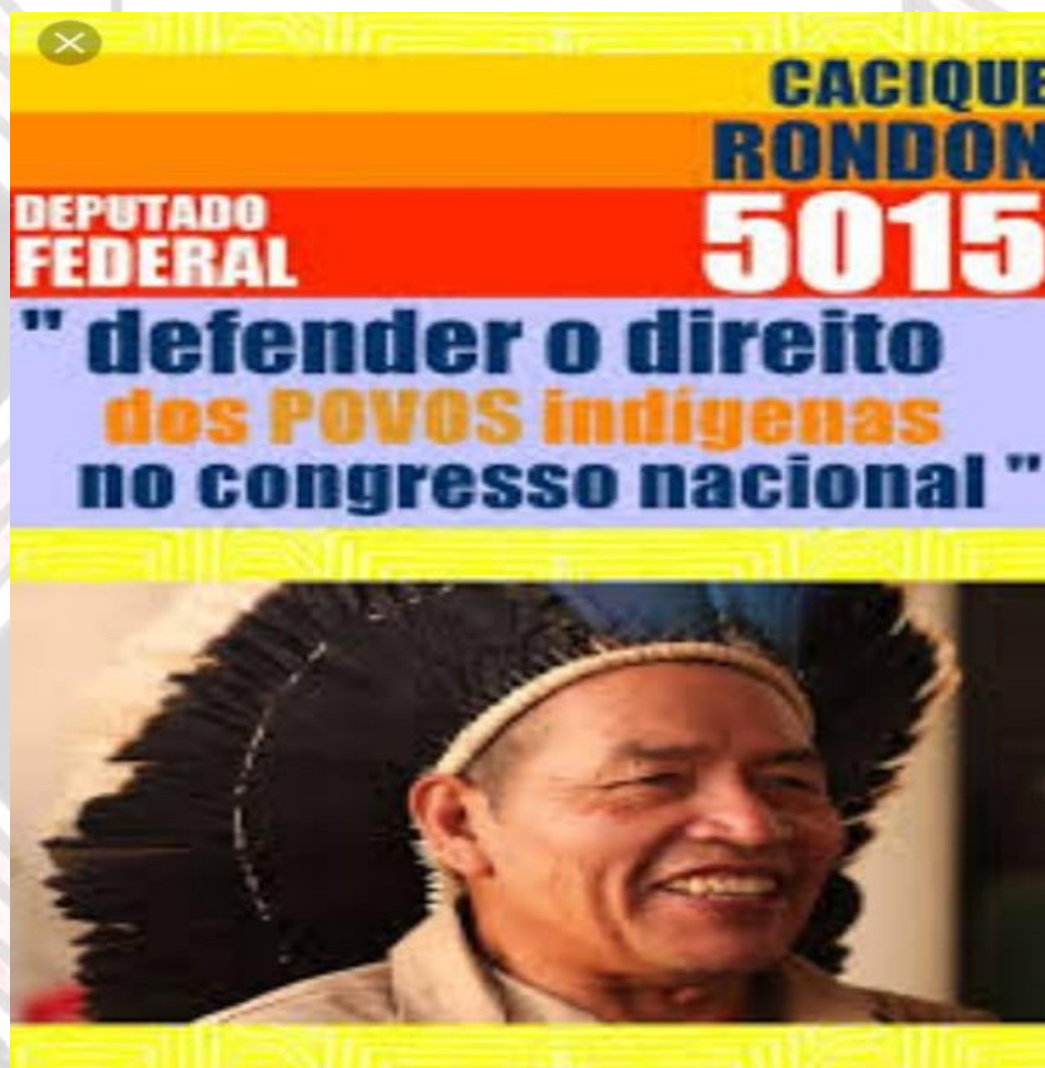
Seguindo as orientações do antropólogo, primeiro se pintam, pegam-se os documentos, parte-se para a Funai e seguram os principais funcionários para dar conta do documento que foi elaborado na época que os Terena saíram do território Bororo, afinal, foi a Funai a responsável por eles estarem naquela circunstância (Relato de Eliel Rondon, fevereiro de 2023).

1996

E assim fecharam o núcleo da Funai em dezembro de 1996. O núcleo foi ocupado por três dias, com coordenador junto sem poder sair. A Funai Cuiabá mobilizou e chamou responsáveis da Funai Brasília para cuidar do caso, vindo assim até Rondonópolis o indígena Terena, conhecido como Marcos Terena, e Azelene Kaingang, para tomar decisão desse caso.

As promessas foram boas por parte dos enviados. O então **Marcos Terena** imediatamente pediu para procurar área que serviria para assentamento do povo Terena e fizeram várias buscas, olharam muitas áreas, acabando por **parar no Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA)** para ver no mapa as áreas que eram devolutas ou improdutivas para aquisição do governo e repasse para a Funai para transformar em área indígena.

Figura 9 – Saudoso cacique Milton Rondon do povo Terena



Fonte: www.facebook.com/GuajajaraSonia/photos/o-ind%C3%ADgena-milton-jorge-turi-rondon-dos-povos-terena-da-aldeia-kopenoty-em-uni%C3%A3o/2006592032733775/

1997

O tempo foi passando e o governo sempre demorando para fazer o que tinha prometido por conta de suas burocracias. Em junho de 1997, Milton Rondon vai até Mato Grosso do Sul para conversar e convencer alguns guerreiros para vir para Rondonópolis aderir à luta pelo espaço físico especificamente para os Terena de MT. No mês de setembro daquele mesmo ano, veio uma comitiva do estado de Mato Grosso do Sul, saber de fato o que estava ocorrendo e como estavam se organizando para uma luta mais intensa. Havendo constatado isso e percebendo que os Terena de MT realmente estavam organizados com vários parceiros, inclusive com a sociedade civil, voltaram felizes, propondo voltar em breve para partir para

uma batalha mais rústica travada contra o governo, fazendo com que a Funai pudesse olhar com mais carinho para esse povo que estava na periferia e que de fato não era um acaso, mas sim descaso por parte do governo e instituição indigenista.

No dia 15 de dezembro de 1997, saíram dois ônibus de guerreiros Terena do Mato Grosso do Sul para Rondonópolis, liderado pelo **Cacique Cirenio Reginaldo**, onde já havia vários guerreiros na margem do Rio Itiquira, divisa dos dois estados. Um dos ônibus vinha com 42 pessoas e o outro com 44 pessoas. Chegaram às margens do rio Itiquira no dia 16 de dezembro, mais ou menos meia-noite e já no dia 17 de dezembro, ou seja, no outro dia, fecharam a rodovia federal. Pela primeira vez indígenas fecharam a estrada por três dias, chamando a atenção de todas as autoridades competentes. O presidente da Funai diz que não faria nada sobre pressão. Quando foi no sábado, ele sobrevoou o movimento e chamou uma comissão na sala da Polícia Rodoviária Federal ali mesmo na divisa. Pediu que levantassem acampamento e uma comissão fosse feita para uma viagem até Brasília para que as negociações avançassem.

Da periferia às margens da rodovia

A partir do dia 17 de dezembro de 1997, a morada do povo indígena Terena foi sempre estar às margens da BR. Mas logo que foi feito o acordo em Itiquira, a Funai locou uma chácara às margens do Rio Vermelho, na saída para a cidade de Guiratinga-MT, em um distrito chamado de Paulista, por um período de seis meses, tempo que levaria para finalizar o processo de compra e venda para o assentamento daquelas famílias, mas o tempo passou e nada das promessas aconteceram conforme os combinados.

Como o processo não caminhava e estava difícil para a própria Funai apontar uma área específica, o próprio Incra encarregou de apontar três possíveis áreas, uma em Pedra Preta-MT, outra em Guiratinga-MT e outra no município de Juscimeira-MT. O que mais agradou a comitiva que fazia a visita foi a do município de Guiratinga-MT, que tinha uma extensão de 12 mil hectares às margens do Rio Floriano.

1998

As famílias até chegaram a comemorar a semana indígena em abril de 1998, naquela área que levou mais de seis meses para concluir o processo. Chegando ao final de todo o processo, a fazenda foi considerada produtiva e não poderia pela lei efetuar a aquisição da área.

Infelizmente os Terena tiveram que deixar a fazenda e voltar todos para a cidade. Como estavam sem-terra e já no movimento os caciques Milton Rondon e Cirenio Reginaldo iniciaram uma procura de nova área e encontraram uma de 2.000 hectares próximo à Polícia Rodoviária Federal de Rondonópolis, no início do ano de 1999 passaram a lutar pela aquisição dessa fazenda que pertencia ao ex-vereador Raul Pinto e tinha o nome de fazenda Campo novo. Mas dessa vez não foi acordado nada. Invadiram e conversaram logo com a Funai para iniciar o processo de compra e como o fazendeiro estava interessado em vender, aceitou os argumentos e foram já enviando os documentos necessários para montar o processo.

1999

Logo entraram em contato com a Funai para o aceleração de aquisição da área. O proprietário já foi providenciando as documentações e os Terena naquela expectativa de que tudo ocorreria de modo perfeito, mas nem sempre é assim, pois a parte burocrática do governo é mais complicada. Quando imaginamos ser mesmo assim, fizeram acordo com o proprietário para usar uma parte da área para o plantio e assim foi feito. Usaram o maquinário da fazenda e iniciaram plantando arroz e depois da colheita foi plantado feijão. Parecia que estava tudo sob o controle deles, um vai e vem de lideranças para Brasília. Passou um ano e nada foi resolvido até aquele momento. Já tinham fechado a BR-163 várias vezes. Cada fechamento era uma instância que as documentações caminhavam. Era doloroso ver crianças, mulheres e idosos morando há mais de dois anos embaixo de lona plástica. Em tempo de chuvarada, tinham que pedir água potável para a prefeitura de Rondonópolis que abastecia com caminhão-pipa, para que as mulheres pudessem lavar roupas. Sem o abastecimento, elas precisavam andar quilômetros à margem de córrego para efetuar seu trabalho.

Depois de várias idas das lideranças a Brasília-DF, finalmente saiu o resultado da área e a Funai faria a aquisição da fazenda. Feliz, o proprietário doou um boi e foi aquela festança. Os Terena comeram muito churrasco e realizaram danças tradicionais.

2000

Em 2000, reuniu-se o grupo para escolher seus representantes para receber a terra prometida desde o ano de 1988. Foram as lideranças em companhia do proprietário para receber e ver concretizado o sonho de obter um território específico para Terena no estado de Mato Grosso.

Ao chegar a Brasília, foram dois longos dias de reunião com a Funai e o Ministério da Justiça, para o acordo da forma de pagamento. Agora tudo pronto, o terceiro dia seria mais com o proprietário, que seria a prática burocrática de pagamento. De repente, um susto: o proprietário falando que não deu negociação e todos ficaram pasmos e tiveram outra fala com o presidente da Funai.

A área pretendida estava em nome de outra pessoa e os representantes do Ministério Público entenderam que por haver sido negociada por outra pessoa no processo, a área possivelmente estava entrando em superfaturamento no modelo configurado e não poderia efetuar a aquisição da área e voltava então à “estaca zero” em relação a todos aqueles trabalhos efetuados pelos líderes e parceiros.

Agora o grupo todo teve que sair da área pretendida e achar outra saída. No início do ano 2000, o deputado federal Wellington Fagundes alugou uma área que fazia divisa com o quartel-general de Rondonópolis. Muitas famílias desanimadas, alguns voltaram para o estado do Mato Grosso do Sul, mas a maioria continuou no intuito de que tudo daria certo e que um dia concretizaria esse sonho. A reconstrução dos barracos na chácara Lago Azul, do deputado, era apenas moradia, mas a reconstrução de estratégia, reconstrução de novos caminhos, pois essa luta em busca de um espaço físico especificamente já tinha uma duração de 12 anos.

Desde a saída de Mato Grosso do Sul, depois de 18 anos, tudo volta como era antes. O grupo ia e vinha fechando a BR-163 para poder ser ouvido e seus processos de aquisição sempre em cima da mesa dos órgãos competentes.

Como os Terena tinham fácil acesso para chegar à beira do rio, usaram essa estratégia da pesca predatória novamente, adquiriram barcos, motores, redes e todos os equipamentos de pesca e partiram para essa prática outra vez, só que agora com mais de 100 guerreiros protegendo. Foi uma briga intensa e convenceram os agentes que havia necessidade de usar esse método já que as famílias ficariam sem emprego e sem área para produção. Foram mais dois anos de intensa luta nesse contexto histórico.

2002

No início do ano de 2002, por volta do mês de março, a Funai enviou representantes para negociar com aquelas lideranças. Foi uma reunião bastante tensa, pois os enviados tinham uma fala com bastante contundência e muita propriedade, alegando que o órgão e todos os parceiros já tinham tentado todas as formas de resolver, empenharam-se em tudo o que foi possível para adquirir a área e agora um dos maiores parceiros do órgão indigenista, o Incra,

não tinha mais respostas. Então a Funai, responsável pelos indígenas, tem uma única solução: devolvê-los ao Mato Grosso do Sul. Um balde de água fria agora cai sobre a cabeça de todos, desanimando, tentando desfazer o movimento, tirando as ideias e tentando roubar um sonho que era de um grupo.

Milton Rondon, com bom som e alta voz, grita!

“Mesmo que todos vão embora e que todos aceitem essa decisão, eu não concordarei e nunca vou concordar e daqui vocês tiraram apenas meu cadáver, permanecerei firme enquanto houver fôlego para mim respirar” (Entrevista no dia 22 de fevereiro de 2023 com liderança Terena Eliel Rondon, irmão do cacique Milton Rondon).

A partir daquele momento, os guerreiros todos gritaram como se um hino tocasse ali, repetindo a mesma frase do grande líder. Com tudo que estava acontecendo, surgiram muitas indagações por parte dos guerreiros, onde um acaba perguntando: O que deveria ser feito no momento? Cirenio Reginaldo, que também se tornou um dos principais líderes do movimento dos Terena, levantou e falou: “Vamos segurar, se a Funai tirar a gente à força esses enviados aí vão com nós” (Entrevista no dia 22 de fevereiro de 2023, com liderança Terena Eliel Rondon, irmão do cacique Milton Rondon).

A Funai os deixou mais de uma semana com os Terena. No final desses dias, mais uma vez a Funai enviou o indígena Marcos Terena e Sebastião Terena, conhecido como Tiãozinho.

Em poucos dias, os dois indígenas, funcionários da Funai, sentiram que ninguém estava brincando e o cacique Cirenio Reginaldo já havia avisado que em poucas horas, se não houvesse outra saída, levaria não só os dois funcionários da Funai que já estavam lá tentando as negociações com os guerreiros, mas também os dois indígenas que também eram funcionários da Funai iriam ser levados para a BR-163 com os guerreiros para bloquear até dar uma solução concreta.

Apesar dos funcionários da Funai serem reféns, foram muito bem tratados, apenas para resolver definitivamente aquela situação que há 20 anos estava sem solução. Em menos de uma semana, o presidente da Funai convocou novamente um grupo de lideranças para outra negociação, isso já em junho de 2002.

Em Brasília, reuniu as lideranças para achar uma saída imediata. Foram o presidente da Funai, o presidente do Incra e o Ministro da Justiça. Em poucas conversas, o presidente do Incra pediu 60 dias para apresentar uma área e aquela que fosse escolhida já poderiam fazer as mudanças e tomar posse dela. O Ministro, empolgado com a decisão do Incra, disponibilizou

um montante de 2 milhões de reais, para dar infraestrutura para começar na nova área no cabo de 60 dias.

A comissão Terena volta a Brasília e o Incra realmente apresenta três áreas para serem visitadas para escolher uma delas. Uma ficava no Vale do Guaporé, a outra às margens do Rio dos Peixes e a terceira nas Margens do Rio Iriri Novo, no município de Matupá e de Peixoto de Azevedo. Quatro lideranças sobrevoaram as áreas e visitaram por terra apenas a do Iriri Novo e logo já a escolheram. Já era novembro e até montar o processo todo e ajustar a mudança, passaria para o ano seguinte.

Figura 10 – Reconhecendo o território indígena do Iriri Novo



Fonte: Eliel Rondon (2003).

2003

No dia 3 de janeiro de 2003, as lideranças empolgadas, na capital Cuiabá, comprando equipamentos para a então terra prometida e às 15 horas um telefonema abala todo o grupo. “Hélio Turi Rondon”, o mentor de tudo, sofreu um terrível acidente, no quilômetro 4 de Rondonópolis, saída para Campo Grande. Por volta da meia-noite, perde a vida, deixando um grande legado dentro de sua família e do seu povo que estava sob seus cuidados. Depois de tudo consumado, não teve a oportunidade de entrar na terra prometida.

Aos três dias do mês de fevereiro, chegam ao distrito União do Norte as primeiras mudanças, dois ônibus cheios, com as famílias que daquele dia em diante fariam parte do município de Peixoto de Azevedo e município de Matupá.

Figura 11 – Saída da Fazenda Lago Azul em Rondonópolis-MT para o Distrito União do Norte – Peixoto de Azevedo-MT



Fonte: Eliel Jorge Turi Rondon.

A imagem a seguir mostra o cacique Milton Rondon feliz por conquistar uma área que atendesse às necessidades do povo Terena, em meio à construção das casas no dia 31 de janeiro de 2003, na aldeia Kopenoty, no Distrito de União do Norte, no município de Peixoto de Azevedo – MT.

Figura 12 – Construção das casas da aldeia Kopenoty



Fonte: Eliel Rondon (2004).

Aldeia Kopenoty vai sendo criada pelos Terena, em uma área de 30 hectares, cedida pelo prefeito Assis Tenório, a cinco quilômetros do distrito União do Norte, à margem da BR-322, antiga BR-80, ficando a 75 km do município de Peixoto de Azevedo.

2004

Figura 13 – Aldeia Kopenoty – ano 2004



Fonte: Acervo da Aldeia Kopenoty, município de Peixoto de Azevedo.

Nessa configuração, os Terena se estabelecem nesta área, construindo 45 casas de alvenaria, com pouco recurso que a Funai disponibilizou para construir suas vidas e continuar vivendo em suas terras. Devido às fortes chuvas, os Terena ficaram impossibilitados de entrar em seu território na terra indígena do Iriri Novo, tendo que permanecer nesse espaço cedido

pela prefeitura. A escola Estadual Indígena Élio Turi Rondon Terena vai sendo pensada pelas lideranças, pais de famílias e cacique e assim a escola foi construída em 18 de fevereiro do ano de 2004.

Figura 14 – Primeira instituição escolar do povo Terena – Escola Estadual Indígena Elio Turi Rondon “Terena”



Fonte: o autor (2016).

Nesse período, a escola passa a funcionar com professores indígenas e não indígenas, sendo uma das primeiras diretoras desta unidade escolar a professora Cícera Chagas, graduada em Pedagogia, esposa do cacique Cirenio Reginaldo, que também buscou ajudar a comunidade Terena na criação dessa unidade escolar, com o saudoso cacique Milton Rondon.

Esses caciques e a comunidade conseguiram com a SEDUC, na capital Cuiabá-MT, a construção do prédio da escola que se iniciou nesse mesmo ano, funcionando nos três períodos. Então, os Terena vão dando significado à continuidade e à cultura do seu povo.

Por meio da escola, os professores indígenas davam aula para o Ensino Fundamental e para o Ensino Médio. Por conta das intensas reivindicações à margem da rodovia em Rondonópolis, muitos Terena que já eram pais de família não conseguiram concluir seu Ensino Médio e só a partir da criação da Escola Elio Turi Rondon Terena vieram então as primeiras turmas a se formar no Ensino Médio.

Ainda em 2004, os Terena já buscavam entrar na Terra indígena Iriri Novo, buscando explorar matéria-prima, como palmito de açaí e extração de madeira para ajudar as famílias que não tinham renda. Assim também vai sendo pensada pelos professores a criação de uma associação que atendesse às demandas da comunidade Terena, com projetos sustentáveis,

buscando trabalhar com a criação de uma pequena granja de galinhas. Porém, não deu muito certo a associação, que faliu por má administração.

2005

Em 2005, os Terena começaram a construir casas no território indígena do Iriri Novo, porém ficando impossibilitados e com poucos recursos, usaram a estratégia da exploração de matéria-prima, ficando de 15 a 20 dias no território indígena do Iriri Novo, retornando para a Aldeia Kopenoti.

2007

No ano seguinte, em 2007, uma parte desse grupo decide criar aldeias com representantes de cada comunidade e assim vão sendo criadas duas aldeias: a Turipuku, ficando a seis quilômetros da entrada do território Terena, e Kuxoneti Poke´e mais adentro do território, às margens do Rio Iriri.

Nesse cenário, toda vez que necessitavam de se deslocar para a terra indígena do Iriri Novo, alguns professores tiveram que acompanhar o grupo, bem como alunos que também estavam sob responsabilidade de seus pais acompanhavam suas idas e vindas até ao território para a construção das casas nas aldeias. Nesse mesmo período, as salas anexas que os professores davam aula eram vinculadas à Escola Élio Turi Rondon “Terena”.

2008

Em 2008, após a homologação da terra em 2007, cria-se outra comunidade que também passa a ser atendida, com sala anexa, vinculada à Escola Elio Turi Rondon “Terena”, funcionando até os dias atuais. A Aldeia Inamati Poke´e centralizada no meio, entre Turipuku e a aldeia Kuxoneti Poke´e.

A aldeia Kuxonety Poke´e foi estruturada em 2008 e busca a autonomia de uma instituição que visa atender aos Terena assentados na terra. Estando eles no território já demarcado e homologado, reuniram-se a comunidade da aldeia Kuxoneti Poke´e dos Terena solicitando à Seduc uma instituição escolar indígena para atender aos Terena que estão agora organizados por comunidades, separados dentro do território indígena do Iriri Novo.

A comunidade Terena do Irii Novo, da aldeia Kuxonety Poke'e, é atendida em sua reivindicação pela Seduc, sendo criada a Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero, no dia 28 de agosto de 2008.

Muitos Terena que concluíram seus ensinos médios na Escola Élio Turi Rondon Terena ingressaram uma nova experiência na Faculdade Indígena Intercultural, na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), em Barra do Bugres-MT, no ano de 2008.

2009

Em 2009, com a notícia espalhada de que a escola já estava funcionando com professores indígenas Terena, houve a procura de indígenas de outras etnias que buscavam ser atendidos e matriculados nessa unidade escolar. Estudam, então, na escola, alunos Terena e Kayapó. Com o passar dos anos, povos da etnia Panará também são atendidos por essa instituição. Assim também no ano subsequente e em 2010 a escola passa a dar continuidade a essa interculturalidade, despertando conhecimento tanto das culturas Terena quanto conhecimento universal.

2011

Em 2011 formam a primeira turma do Ensino Médio entre os Terena atendidos pela sede Komomoyea Kovôero e anexas de outras aldeias Terena (da qual também faço parte, vindo a realizar o Ensino Médio) graças aos professores que levaram conhecimentos para esses alunos que hoje são lideranças em suas comunidades e ajudam na política interna e externa para o fortalecimento da cultura Terena.

2012

Após a conclusão do Ensino Superior na Unemat desses primeiros professores, em 2012 a escola da aldeia teve grande avanço na educação, com professores formados, discutindo assuntos da educação em nível superior e a partir daí uma nova turma começa a estudar na Unemat, ampliando cada vez mais a educação nas aldeias Terena.

2013

No início em 2013, na escola começa o discurso para aderir ao Curso de Magistério Indígena na Escola Estadual Indígena Terena Komomoyea Kovôero.

2014

Esse ano marca o início do curso de magistério intercultural, com várias etnias do Mato Grosso, incluído o povo Terena.

2015

Em 2015, a escola dá continuidade ao ensino, capacitando seus alunos a compreender o ensino da cultura e do conhecimento universal.

2016

Em 2016, muitos estudantes da etnia Terena se matriculam na unidade escolar e alunos Kayapó. A escola buscou fortalecer o ensino incentivando a formação dos professores.

2019

Em 2019, com a pandemia do Coronavírus, a escola parou de funcionar, atendendo ao pedido das lideranças e da saúde pública devido à proliferação do vírus que poderia chegar até a aldeia.

A pedido da comunidade, foi feita uma barreira sanitária para impedir que o vírus se espalhasse e todos os alunos da aldeia Terena, nesse período, recebiam trabalho remoto que era impresso e entregue a cada estudante.

2023

Atualmente, a escola vem trabalhando de forma a atender todas as demandas dos alunos e da comunidade escolar, buscando a participação ativa da comunidade nos processos de ensino e do fortalecimento da cultura Terena. Por meio da escola, os Terena têm assegurado a afirmação de suas identidades e suas culturas, bem como o fortalecimento da língua Terena.

Narrador:

História narrada pelo líder Eliel Rondon, da etnia Terena, irmão do saudoso cacique Milton Rondon.

Colaboradores da história

Misma Turi Rondon

Brasiliانا Clemente Rondon

Ilustradores dos desenhos

Alice Reginaldo Rondon

Maria Eduarda Pereira Rondon

- A marca d'água no produto pedagógico é um desenho de uma pintura corporal realizado pelo autor Rosenildo Pereira, que significa resistência, o povo Terena usava-a quando estava em reivindicação pela terra. Também identifica os Terena por meio da dança da hiyokexoti kipa'e (ema). A pintura carrega traços Terena existentes desde a guerra do Paraguai.